ONDE ESTAES FELICIDADE?

CAROLINA MARIA DE JESUS

Onde estaes Felicidade?

Carolina Maria de Jesus

Onde estaes Felicidade?

Carolina Maria de Jesus

São Paulo
2014

“Agradecimentos enormes e sinceros para Vera Eunice Jesus Lima e família. Sem sua confiança e apoio, essa publicação jamais teria sido possível”

Colaboraram nesta edição:

Ricardo Santhiago
Maria Julieta Bertazzi
Stella Maris Chebli
Claudia Lopes da Silva
Leila Giovana
Cármen Sampaio Amendola
Priscila Varella Vargas Soares
Luara Angelica Garcia de Oliveira
Camila Salmazio
Luciana de Jesus Dias
Aldenir Dias dos Santos
Renata Gonçalves
Wilson Roberto Moreira Junior
Francineide Marques
Luciana Mendonça
Jose Jeronimo de Oliveira Filho
Tatiana Gomes da Costa
Paulo Sérgio Rodrigues
Cidinha da Silva
Martha Rosa
Marina Farias Rebelo
Tatiana Dias Silva
Luana Antunes Costa
Neide Elias
Zé Sarmento
Júlio Souto
Almerico Barbosa
Karen Rosa
Mariana Santos de Assis
Sergio da Silva Barcellos
Karina Sales
Silvana Benevenuto
Érica Peçanha
Alexandre Faria
Maria E. S. Betini
Ana Luiza Couto
Salloma Salomão
Gerson Salvador
Thiago Cândido
Marise Hansen
Eliane Paradela Arakaki
Pedro Paulo da Silva
Renata Zuolo Carvalho
Fulô Do Mandacaru
Lucilaura Pereira da Silva
Janaína Moitinho
Silmara Cardoso de Lima Silva
Ana Paula Nóbrega da Fonte
Frederico R. P. Leal
Daniel Alves Santos
Vima Lia de Rossi Martin
Janete Sousa Silva
Iara Inacio Paiva
Ana Rusche
Laeticia Jensen Eble
Flávia Cristina Bandeca Biazetto
Elie Ghanem
Fernanda Vargas
Vera Chalmers
Tele Ancona Lopes
Josie Mello
Vanessa Ramos
Josselito Batista
Suzana R. S. Andréa
Taís Aline Eble
Benedito Roberto Barbosa
Doceria Duarte
CDCM MulherAção
Bruna Gomes Salles
Luciana Mendonça
Gerson Antonio Almoster
Tânia Cristina Souza Borges
Priscila Varella Vargas Soares
Cármen Sampaio Amendola
Dannylo Teixeira de Sousa
Leila Giovana Izidoro
Claudia Lopes da Silva
Silvio Pedro
Patrícia Nakagome
Grupo Pânico Brutal
Coletivo Perifatividade
Letraria.net e
Rafael Scuoppo Massi.

O lirismo e seus despejos

Milton Mello

À Carolina Maria de Jesus

De olhar vagaroso por entre os restos
do que fazemos de nossa carne
a mão lateja vasculha:
bilhetes, bocas cortadas
martelo de dar murro em ponta de náusea
salivas secas de um beijo mau dormido
roncos de quem dorme pela palma aberta
onde nem mesmo a linha do horizonte
é sinal de folha beijada.

Por entre folhas de um vento ainda por cair
é preciso refogar a peleja do dia na panela vazia
cumprir a iluminação do dia na lua ainda por-vir
enquanto a mão resvala úmida
de ninar linhas em branco
como quem se despede
do cheiro que não é seu
mas de outra mentira.

Ovos de abrigar formigas
que carregam na boca salivas do outono
retalhos de volúpias cansadas
bolor de tempo ancorado
lá vai Carolina recolhendo-se
para o mistério, inefável, da sobra.

Carolina Maria de Jesus, uma escritora atlântica!

Hilton Cobra – Presidente

Inaldete Pinheiro, uma das precursoras das letras negras na contemporaneidade brasileira, enche os olhos de alegria quando ouve notícia sobre o que a juventude ligada à literatura negra e periférica tem feito para honrar e vivificar a memória de Carolina Maria de Jesus.

São saraus, oficinas, cursos, entrevistas, artigos, palestras, aulas interativas, resgate dos volumes de sua obra dispersos por sebos e disponibilização do tesouro ao grande público, bem como exposições da parte menos conhecida de sua obra, composta por discos, poemas, contos, romances.

É a escrevivência de Carolina (conceito da querida Conceição Evaristo), escritora emblemática da literatura negra produzida no Brasil, em toda sua potencialidade e vicissitudes, a embalar os sonhos e as pretitudes das novas gerações.

Carolina é referência da Diáspora Negra e assim merece ser tratada. É atlântica como o foram Lélia Gonzales e Beatriz Nascimento. Foi inspiração para Shapirre, autora afro-estadunidense de "Preciosa", retrato sem photoshop da situação cotidiana de precariedade e violência experimentada pelas mulheres negras que vivem abaixo da linha de pobreza, transformado em filme homônimo premiado pela Academia de Cinema.

Carolina merece também ser descoberta pela América Latina. Urge que sua obra ocupe as mesmas prateleiras dos testemunhos monumentais da boliviana Domitila Chungara e da guatemalteca Rigoberta Menchú, que embalaram os sonhos revolucionários de gerações de mulheres nos anos 1980. Atentando ainda para as características literárias do testemunho da escritora de Sacramento.

A Fundação Cultural Palmares acredita que seja imprescindível a análise da obra literária de Carolina, majoritariamente registrada em cadernos dispersos por arquivos públicos e particulares do Brasil e exterior.

É nossa missão trabalhar para que este "Onde estaes Felicidade"? chegue a todas as bibliotecas públicas do país, aos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e às universidades devotadas às Letras. E mais, desejamos instar pesquisadoras e pesquisadores de literatura brasileira para que mirem a persona Carolina com "olhos de ver" e analisem seu trabalho literário em profundidade expandindo seu perfil literário e significado socio-histórico.

A Carolina apresentada aqui precede a de “Quarto de Despejo” e nos chega pelas mãos de pessoas comprometidas com a preservação e divulgação do legado da autora: Raffaella Fernandez, que pesquisou os originais, Vera Eunice, filha e herdeira do espólio de Carolina que, em resposta ao convite da poeta Dinha, editora da Me Parió Revolução, autorizou a publicação, Marciano Ventura, da Ciclo Contínuo Editorial, responsável por todo o trabalho de concepção do livro. Por fim, a escritora Cidinha da Silva, integrante de nossa equipe, que enxergou a oportunidade de a FCP integrar o projeto editorial de “Onde estaes Felicidade”?

A essas pessoas agradecemos, e juntos brindamos à imortalidade da memória de Carolina Maria de Jesus, escritora admirável, cuja pujança poética, versatilidade temática e estilística precisa ser descortinada ao mundo.

Nzaambi Ye Kwaatesa! Carolina!

SUMÁRIO

Prefácio

Ao ler os manuscritos de Carolina Maria de Jesus somos imediatamente capturados, e abalados, pela diversidade e amplitude de gêneros e discursos hibridizados, fragmentados e dispersos entre os diversos cadernos, alguns ainda impregnados pelo odor do lixo do qual eram retirados e colocados ao lado dos recicláveis, armazenados no "quarto de despejo".

Quanto mais lemos esses textos refratados mais desejamos alcançar em nitidez a profundidade dessa escritura rasurada, fraturada, confusa, delirante e envolvente... Essa leitura, porém, não nos acomoda no deleite. Ao contrário, ora nos inquieta com uma língua literária ríspida, doentia, alucinada, revoltada, a começar pelos títulos de suas obras: "Pedaços da fome", "Quarto de despejo", "Onde estaes Felicidade?", "Carta de luto", "Um Brasil para brasileiros", "Favela", "O canto triste", "A bondade e a maldade", "Desilusão", "A mulher diabólica" – além daqueles que, a evocar uma "história menor", privilegiam uma história para si e para os seus –, ora incorpora a voz do "povo que faltava", como podemos escutar em "Histórico", "Minha vida", "Minha madrinha", "O Brasil", "Pensamento", "Provérbios", "Diário: história de Carolina", "O marginal", "Súplica de mendigo".

Basta manusear os fólios, lamentavelmente em frangalhos a se desfazerem por entre nossos dedos, dada a materialidade fragílima de alguns manuscritos que foram molhados, outros contaminados por fungos e outros rasgados para, de pronto, já estarmos mergulhados no mundo de desespero e ódio, de sinceridade intrépida, de desejo de criação artística e, sobretudo, de solidão, àquela na qual todos nos reconhecemos, pois alguém que fale dos subterrâneos de sua solidão como bem o faz Carolina de Jesus, fatalmente, fala de todos nós.

Ao longo da leitura de seus originais, fica evidente que a autora mescla gêneros e subgêneros, empreendendo com um cuidado estético autodidata, mas influenciada por consultas aos dicionários e por leituras de revistas, de jornais e dos livros recolhidos do lixo, tais como "Os miseráveis" de Vitor Hugo, um livro de contos de Maupassant, obras e biografias de Edgar Allan Poe e Caryl Chessman, "A cabana do pai Tomás", de Harriet Beecher, além dos românticos brasileiros e portugueses incansavelmente citados e parafraseados pela autora em seus manuscritos. Mas isto não é o bastante: ávida por saber e pelo desejo de representar e de ser representada em todos os lugares (já que vacilava em um não-lugar), Carolina de Jesus fazia leitura, reflexão e crítica, em prosa e poesia, de tudo o que estava a seu alcance, como a escuta das radionovelas, das músicas, das vozes dos vizinhos, dos discursos políticos e religiosos.

A escolha destes dois textos inéditos que ora se publica se deu pelo fato de, neles, podermos acompanhar a versatilidade dessa escritora, que vai desde o testemunho embotado de um drama real ao gênero conto, carregado do lirismo e da beleza que Carolina de Jesus buscou em sua trajetória quixotesca de devires criativos, como figurinista, dramaturga, romancista, poeta, diarista, musicista e atriz. Quando reescreve seu conto "Onde estaes Felicidade?", ela não economiza nos processos elaborativos, fixados desde as correções e hesitações sobre a pontuação, a escolha das palavras, até as duas linhas narrativas: a do marido apaixonado e a do sedutor caixeiro-viajante, atando a personagem da mocinha deslumbrada com os progressos da cidade ao nó da narração. Carolina de Jesus trabalha com perspicácia o desfecho, construído a partir de um trocadilho com a palavra "felicidade", nome próprio e nome comum. Esse texto é substancializado pela estrutura da fábula, isto é, tem um conselho a dar. No caso, a lamentável troca das ilusões do consumo e das ambições humanas em detrimento do verdadeiro amor.

O trânsito entre o campo e a cidade, associado às mazelas da mulher como ser frágil, também está presentificado em seu romance "Pedaços da fome", e em textos ainda inéditos, sinalizando uma inquietação constante em decorrência de sua própria experiência de vida e um posicionamento irônico em relação à condição imposta ao feminino. Em toda a obra de Carolina de Jesus perpassa esse inconformismo em relação ao lugar social e político da mulher.

Paralelamente a esta produção, escreve a narrativa autobiográfica "Favela", e esta, ao contrário do conto, carrega marcas de expressão da angústia e de desabafo, a começar pela grafia das frases de tortuoso traçado, do corpo pesado que fala das fomes de alimento e de conhecimento, do "árduo manto das misérias humanas", das desigualdades sociais, de dores físicas e emocionais; enfim, do constante desequilíbrio de quem vive à beira do rio Tietê, à margem da vida... Neste texto, no entanto, parece não haver uma preocupação estética como no outro; as incertezas da voz que alterada no relato tomam o lugar da pontuação pensada, da escolha das palavras adequadas, da magia da comunicação artística que lhe permitia um momento de imersão poética. Neste, a revolta se transfigura em necessidade de se livrar dos acontecimentos, de quase cuspir no papel "as injúrias" e as desolações da "poeta do lixo" ou "idealista da favela", como costumava se autodenominar nos momentos de fúria.

Em "Favela", portanto, conhecemos a Carolina de Jesus que precede "Quarto de despejo: diário de uma favelada", apresentando o fluxo de consciência do narrador que se desenrola na própria escrita. O texto é uma narrativa autobiográfica entremeada de citações e com a intertextualização do poema sobre Getúlio. Sua estrutura narrativa se articula através de dois episódios: a ocupação da favela e a maternidade, intercalada pelos eventos do trabalho autônomo de catadora de papel e por sua publicação no jornal "O Defensor".

Carolina de Jesus apresenta com pormenores os impactos das mobilizações políticas contra a expulsão de habitantes dos cortiços, primeira morada dos migrantes que chegavam à "cidade da garoa" nos anos de 1940, até a sua própria entrada no Canindé, em uma das primeiras favelas que surgiram a partir do processo de deslocamento, para fora do centro de São Paulo, desse contingente de excluídos. Em outros de seus cadernos, situados à mesma época deste texto, encontramos a descrição minuciosa da favela como um espaço quase rural, no qual homens, mulheres e crianças conviviam com galinhas, porcos e até conseguiam pescar nas águas do rio Tietê. Porém, quando a autora escreve o seu best-seller já fazia mais de sete anos que ela vivia na casa improvisada que, dada a escassez de material, fora remontada sobre os escombros do antigo barraco. Também em "Favela" ela narra o nascimento do primeiro filho, João José, em seguida o de José Carlos, até a difícil gravidez da quarta filha, Vera Eunice, pois a primeira, também chamada Carolina, teria morrido cedo, segundo relata.

Para esta publicação, com apoio de Vera Eunice Lima de Jesus, fizemos a opção de fixar a sintaxe e a ortografia de Carolina de Jesus, evitando ao máximo as interferências e compilações que viessem a prejudicar a dicção bastante característica da escritora, como o sotaque mineiro audível nas palavras, a partir da grafia, por exemplo, de "dispunivel", "dicidi", "difunto" presentes na narrativa de "Favela" ou "póude", "vistir o vistido de viludo", "Ponhe" "Baruião" em "Onde estaes Felicidade?". Assim como na linguagem, muito característica de uma época, tanto quanto na reprodução da fala da vizinha "Pois sim!", percebe-se a interessante mescla da linguagem culta e da popular, característica de sua poética de resíduos, possibilitando a visibilidade de uma "norma" oculta da língua, inaugurada pela escritora de raízes negras em sua condição de favelada.

É interessante também o modo inaudito como Carolina de Jesus utiliza a vírgula e a acentuação, valendo-se desses recursos linguísticos, de maneira aparentemente aleatória, quando buscava frisar algo que desejava dizer, cedendo lugar a outra gramática, derivada de interessantes desvios que mostram os fragmentos do corpo marginal que fala, se autoficcionalizando fora dos textos padronizados, muitas vezes discutindo suas "escrevivências" nos momentos mesmos em que seus escritos se tornam diários de gênese.

Os textos aparecem com rasuras e alterações, que foram feitas por Carolina de Jesus em diferentes momentos de sua reescrita, mas respeitadas aqui de acordo com a última alteração. No entanto, o estabelecimento destes textos suscitou diversas hesitações, as quais somente sua autora poderia definir, mas foi feito com verdade e dedicação de uma leitura que segue as trilhas carolinianas durante uma longa caminhada, capturada por surpresas a alicerçar o infindável entusiasmo de um estudo que não cessa de pulsar. Além disso, esta publicação tem o objetivo de revelar uma Carolina de Jesus mais literata, a criadora de uma obra que começa a se delinear realmente literária para saciar a um público ávido por sua leitura.

Embora esta seja apenas uma mostra do arquivo literário de Carolina de Jesus, selecionada dentre o volumoso dossiê ainda não mensurado literariamente, indecifrado em seu conteúdo, certamente será apenas uma de tantas outras novas texturas a serem trazidas à luz desta autora múltipla que aos poucos vem se abrindo diante de nosso olhar

admirado...

Então, vamos lá Carolina!

Raffaella Andrea Fernandez
Teoria e História da Literatura, Unicamp

Campinas, 12 de abril de 2014.

Onde estaes Felicidade?

Carolina Maria de Jesus

Não êxiste nêste mundo, quem não acalenta um sonho intimamente. Quem não aspire possuir algo que lhe proporcione uma existência isenta de sacrifícios. E o José dos Anjos, era mêsmo angelical nos modos de falar e tratar o próximo. Era piedoso. antes de tomar uma resolução refletia profundamente.

Um dia, êle viu a Maria da Felicidade e ficou cativo dos seus encantos. Ela era esbelta uns olhos negros e ovaes. Os cilios longos e arqueados. A bôca pequena e os dentes níveos e retos. Foi na festa de Santo Antonio que eles dançaram ao redôr da foguêira. Ela era a mais graciosa aos olhós de Jose dós Anjos.

Seguia a Felicidade por todos os lados obedeçendo os impulsos do seu coração que transformou-se assim que ele viu a Felicidade. Quando se olhava para o alto confundia-se os balões com as estrelas. As damas usavam seus trages de gala. Dava mais encanto ao sarau sertanêjo. Convidóu-a para dançar e perguntou-lhe onde era a sua residência.

Eu moro lá na fazenda Grotão – Fói a resposta lepida de Felicidade.

_ Eu sóu orfa. E a minha tia foi quem criou-me quando meu pai ficou viúvo, eu tinha só sêis anos. Não é nada agradavel a vida sem os afetos maternos. Mas o meu pai é extremíssimo. É o meu o melhor amigo. Tudo que é bôm ele reserva para mim.

_ A senhorita tem copromissós?

_ Oh! Não ninguem pensa em casar-se com uma pobre matinta como eu.

_ Eu penso em você!

_ Oh Senhor ? ... Oh! Muito obrigada.

E desde aquêle dia Jose dos Anjos e Felicidade passaram a se encontrar todos os dias. Aos domingos êle e Felicidade iam passear na colonia e permaneciam até o sol recluir-se no poente. Todos os dias ele lhe dava um presente. Ora uma flôr que ela guardava num baú, embrulhada num lenço de sêda ou um favo de mel. Iam passear no bosque ouviam os gorgêios dos passaros. A brisa suave vinha acaricia-los.

Um dia ela estava com um vistido de chita e uma rosa nos cabêlos. Estava mais bonita do que os dias anteriores. José dos Anjos não póude domar os seus desêjos. Declarou-lhe o seu amôr. Nós havemos de ser felizes! Vou construir o nosso ranchinho de sapé. Vou plantar rosas para você ter rosas para por nos teus cabêlos. Penso que sou rei feliz ao teu lado. Que prazer quando eu voltar do trabalho e encontrar-te a minha espera. E nada ha de nos faltar se Deus quizer. E José dos Anjos ficou contente pensando nós progetos do futuro. Ele... também ia ter um lar!

O pae de Felicidade ficou contente. Era o seu sonho casa-la pórque ela ja era uma moça. E tinha recêio de mórrer e ela ficar sosinha neste mundo de meu Deus. Sóube que José dos Anjos era um homem bóm. Honesto, e amigo do trabalho. E para êle o homem não precisa ser rico. Basta ser bom ja era alguma coisa de valor. Marcara o casamento para o mês de Maio. José dos Anjós queria adórnar a capela com cuias e flôres de são josé e rosas. A flôr predileta Felicidade.

Plantóu sua rocinha para ter fartura em casa. Cavou a terra para dar curso ao regato e a agua passou perto do ranchinho. Dava gôsto ver o ranchinho com suas parades de pau a pique barreada. Construiu um altar para são josé. Felicidade preparava o seu enxoval com carinho. Quando chegou o ambicionado dia, José dos anjos rejubilar-se. Todas das amigas compareceram. As flôres que exalava seus perfumes mesclava-se com o ambiente. José dos anjos fez monjolo para ela tórrar farinha.

Um dia apareceu um viajante que vendia roupas a prestações. Assim que viu a Felicidade ficou encantado. Adimirando a sua belêza. Os córtes de sêda mais lindo êle deu-lhe de presentes.

_ Mas, eu não possó pagar-te _ Advertiu Felicidade.

_ Mas eu não estou vendendo-te. Estóu oferecendo-te para você ficar mais bonita.

Felicidade acariciou a sêda sórrindo. Que pano macio! Pareçe o ninho do colibri. Parece as plumas das painêiras. Eu vou fazer um vistido e o josé vae me achar mais bonita. O viajante sobressaltou-se e perguntou-lhe.

_ jose... quem é o josé ?

_ É o meu espôso. Faz muito tempo ue nos casamos. Foi la na capela

Refletiu e disse-lhe:

_ Olha aqui você não dêixa o josé ver esses vestidos.

_ Ora pórque ? _Quiz saber Felicidade apreensiva.

_ Ele não vae góstar. Amanhã eu trago outros vistidos para você.

O viajante saiu ela ficou olhando aqueles vistidos. Pensava: Eu vóu ficar mais bonita do que a Dona Marina fazendeira. Com êste vistido eu vóu na festa de Santo Antonio. Com êste eu vóu na fésta de são joão. Era a primeira vez que ela ganhava um presente de valor o seu contentamento era imenso cinco anos casada com jose dos Anjos, e êle nunca preocupóu-se em dar-lhe uma coisa de valor. Onde sera que aquêle homem arranja estas coisas bonitas ?

_ Que homem bom!

Todos os dias o viajante vinha visita-la sempre dizendo-lhe que ela, era bonita. Dizia-lhe as frases mais bela do mundo.

_ Se você fosse minha!... Eu te levava para uma linda cidade.

_ O que é cidade?

O viajante sorria achando graça da ingenuidade de Felicidade.

_ E ... Eu comprava uma casa bonita para você. Mais bonita do que a casa de Dona Marina. A fazendeira.

_ E tem casas mais bonitas do que aquela?

_ Tem sim. Os palaçetes. Se você quizer vir comigo para a cidade você vae ver.

E felicidade ficava apreensiva pensando. E aquêle homem estava pondo tantas côisas na sua cabeça.

_A minha cabêça ta virando tuia _Ergueu os olhos e encontrou os olhos do viajante. Fitas no seu rosto. Sumiu-lhe.

_O que pensas querida Felicidade?

_Nas coisas que o senhór diz e eu gostaria de conhecer. Eu pensava que o mundo era só até aonde a minha vista alcançava. O viajante deu-lhe colares e brincos.

_Oh! Que maravilha!

_Onde eu ponho isto? _Quis saber Felicidade que estava abismada com aquêles adormos que ela via pela primeira vez.

O viajante póis o colar no pescoso de Felicidade, e os brincos nas orelhas. E deu-lhe um espelho. Assim que ela viu o seu rosto refletido no espêlho exclamou!

_Eu sóu bonita assim?

_E você é muito bonita. E se fóres comigo para a cidade vae ficar mais bonita.

_Oh! Eu não sabia que eu era bonita.

_Ora Felicidade. Desde o dia que eu te vi, eu estou sempre dizendo-te, que você é bonita.

_Ah! então e pórisso que as pessôas que passam por mim param, e olham-me. E eu, ficava nervósa.

O viajante deu-lhe um vidro de perfume.

_Que cheiro gostoso o dia que você vistir o vistido de viludo você ponhe um pouquinho no vistido, e nos cabêlos se você for comigo para a cidade eu compro um automovel para você.

_Eu tenho uma vontade de andar naquilo.

O coração de Felicidade ficou oscilando. O seu pensamento repetia só as palavras do viajante. Andar de avião. Andar de automóvel. Ela que havia visto avião só no ar. E ficou igual a uma criança quando desêja um brinquedo.

_Será que eu vóu gostar de andar naquilo! E o avião quando passa faz um baruião! despertando as crianças _E aquelas palavras martelava o seu cérebro.

_Você vae ter as unhas pintadas igual a Dona Marina. Você vae ter que cuida dós teus cabelos. Vae ter uma empregada. Se você ficar aqui nunca irá gosar a sua vida.

A tarde o jose dos anjos chegava da roça. A cariciava o rosto de Felicidade que assustava com o contato de sua mão.

_O que foi Felicidade ?

_Você não era assim. O que você esta sentindo? Fala Felicidade! Eu não quero ver você sofrendo.

É que as mãos de jose dos anjos eram rusticas, chêias de calos. E as mãos do viajante eram macias aveludadas. Ela notava a diferença. Ela preparava o jantar para o Jose dos anjos, e afastava o viajante do seu pensamento. José lhe fitava igual a onça quando olhava a lua.

_Oh! José você vae me pór quebranto.

_Eu sei benzer. Dizia o josé sórrindo ao lado daquela mulher que lhe estimulava na vida. Ele ia trabalhar e a Felicidade preparava-se para reçeber o viajante pensando!

_O que será que elê vae dar-me hoje?

Assim que elê chegou ela disse-lhe:

_Até que enfim!

O viajante compreendeu e sorriu.

_Bom dia, minha flôr maracujá

Ela sorriu. A flôr de maracujá é mais bonita do que eu. O viajante deu-lhe um cinto de couro com uma fivela.

_ Que engracadinho! Isto eu sei é da cintura. E coloca o cinto para ver o realce.

_Como é você vae comigo ? _Perguntou o viajante acariciando o seu rósto.

_Eu ... não posso! _E Felicidade pois os olhos no chão pensativa.

O senhor vigario disse que a mulher não pode separar-se do espôso.

O viajante coçou a cabêça impaciente. E disse-lhe:

_Você vae ser minha mulher ?

_Credo! É pecado! _Exclamou Felicidade horrorissada.

_O vigario disse-me, que uma mulher não pode ter dôis homens. Que precisa ser só do espôso. Ele falou tudo isto quando eu fui confessar para casar-me

Ele falóu numa tal de fidelidade ou felicidade. É uma palavra que pareçe com o meu nome Que a tal de fidelidade da valôr as mulheres.

_Eu tenho dó do josé ! côitado! Quem e que vae fazer a comida para elê? Quem e que vae lavar as roupas d'ẽle? Quem é que vae fazer-lhe chá quando êle adoecer?

Ela pensava tudo isto, mas estava indecisa. O viajante era a auróra suplantando a noite. O viajante saia cabisbaixo. Ela ficava olhando êle andar pensava: Ele é tao agradavel o que eu sei é que se ele ir-se embóra eu vóu sentir saudades. E se eu deixar o jose e ir com êle, eu vou sentir remorços. Ela estava tão desnorteada que ja estava dormindo pouco e não sentia fome.

Ela estava esperando o viajante. Ficou contente quando ele chegou.

_Vim ver-te. Como vae?

_Assim, assim.

_Pensóu em mim?

_Pensei

_O que ressolveu?

O senhor vigario disse-me que a esposa não deve deixar o lar. Que a separação dos casaes deve ser só com a mórte.

_Então eu vou-me embora.

_Espera mais um pouco! Fica mais uns dias... Se o senhor partir eu vóu me sentir saudades

_se é êste o teu desejo! E o viajante somio, convencido do seu êxito.

Ela pensou, pensóu, e ressolveu acompanhar o viajante. Foi com anciedade que esperou o dia surgir para dizer-lhe que ia com ele. José dos anjos notava a indiferença de Felicidade. De manhã José dos Anjos saiu para o trabalho. Felicidade preparóu-se para receber o viajante passava horas e horas diante do espêlho. Ficou contente quando êle chegou. Lhe reçebeu risonha. Pensóu: Ele me ama. Vem ver-

me todos os dias. O seu olhar transbordava ternuras. Suas palavras, eram lindas. Ressôava aos ouvidós de Felicidade como o som de uma harpa tocada por um anjo.

_Estóu disposta a obedecer-te em tudo. Foste o unico homem a dizer que o meu corpo de fada mereçe ser adórnado com sédas linho e víludo. Agóra eu quero conhecer o que é cidade e palacete _A lumasidade despertou a sua mente letárgica.

_Então o mundo é maior do que isto aqui?

Que bom viajar! de avião! Conhecer outras cidades. Aspirar o ar bem la no alto. Sentar-se perto do piloto observar o altimetros para ver quantos metros galgara. Ela ouvira tudo isto embevecida. Perçebeu que amava o viajante. Ele afastou o José dos anjos do seu coração. Agora ele era o dono exclusivo dos seus olhares que falava a linguagem dos córações enamoradós.

_Como vae indo minha bonequinha olhos de esmeralda? Como vae minha orquidéa? _Era assim que o viajante lhe comprimentava.

_Estóu apenas com saudades do senhor _O viajante assumia.

_É ótimo ouvir isto. Agrada-me, imensamente. A saudade, é amostra do amôr. Eu so serei feliz quando tu dizer que me ama. E que deseja- me, sempre ao teu lado. Você quer ir comigo para uma linda cidade que se chama São Paulo?

Felicidade não sabia o que fazer Quando estava perto do viajante lhe queria. Quando estava perto do José dos Anjos lhe queria. Aquêle silencio aborreceu o viajante que disse-lhe:

_Se eu partir, você nunca mais, ha de ver-me pór aqui.

Felicidade sobressaltóu-se.

_Não! _Forte implorou-lhe.

O viajante sórriu percebeu que já era amado.

_Não sei viver aqui sem atração.

Esperóu impaciente. Vendo que ela não dicidia fez menção de partir. Ela seguróu-lhe o braço.

_Não vae! Eu vou tenho muita confiança em você, sei que não vou sofrer, e nem me arrepender-me. Crêio que vou sentir saudades dêste recanto. Mas como hei de sair? Se eu fugir, vão maldizer-me. O meu espôso é pobre, mas sempre honróu-me. Trata-me bem. E é tão dedicado. É meu amigo. Ofereceu-me o seu nome. Não dêvo ser-lhe ingrata. O que dêvo fazer?

O viajante pensóu antes de responder-lhe.

_Você finge que esta lóuca.

Deu-lhe todos pormenores. A tarde josé dos anjos chegou. Não encontrou o jantar pronto a sua espera. Estava exausto. A casa estava numa desórdem hórrível. Felicidade pôis os travesseirós em cima do fogão as panelas em cima da cama. Pôis as cadeiras de pernas para o ar. Carregava agua e jogava na estrada que não era calçada e dizia eu quero deixar a casa bem limpa. Esfregava com a vassoura e dizia vêja como a casa esta bonita os curiosos paravam para olhar. Felicidade lhe atirava água. José dos anjos veios busca-la para levar-lhe para dentro de casa. Amava sua esposa e não queria vê-la ridicularisada. Uns riam. Outros diziam coitada. Assim que êle tocou-lhe ela tentou rasgar o vistido e dizia:

_Vae ! Vae embóra diabo! E tentóu erguer o vestido.

José dos anjos impediu-lhe. Felicidade estava no auge do dessespero quando o viajante chegóu disse que era médium e prontificou-se a dar-lhe um passe.

_Ela, acalmóu-se.

O viajante disse lhe para sentar-se ela sentou-se. Disse ao josé dos anjos que ela precisava ser internada num hospicio imediatamente que ela estava louca. E que a loucura ia aumentar-se. José dos anjos deu um longo suspiro. Não tinha dinheiro para gastar em caso de emergência.

Nunca havia sofrido um revez na sua vida. Disse soluçando:

_Ha dias que estou notando a sua transfórmação. Mas, eu não tenho dinheiro! E a minha Felicidade vae mórrer! Oh! Deus! Não deixa a Felicidade mórrer! Eu preciso dela! Eu não posso viver sem ela!

O viajante prometeu leva-la no seu proprio carro. Amarrou as mãos de felicidade que estava linda com seus cabêlos revoltos. Puzeram ela no carro. Ela não falava, apénas chorava. O viajante entróu no ranchinho de sapé pegóu uma trouxa que estava em cima de sua mêsa. Era os vistidos de Felicidade. José dos Anjós estava tão nervoso que não perçebeu o viajante entrar dentro de sua casa.

O carro seguio e José dos Anjós ficou olhando o carro ate desapareçer na curva. Não perguntóu ao Viajante onde ia com sua espósa. Ficou tão triste!

E os anos passaram. Ele esperou. Esperóu o seu regresso. Ele não podia ir procura-la. E a saudade fói multiplicando. E de tanto pensar na sua esposa ressolveu procura-la. Ja não dórmia, não comia. Ele ia em tôdas cidades que tivesse hóspicio. Vendeu tudo que possuía. Empreendeu na viajem. Chegóu numa cidade perguntóu onde era o hospício lhe indicaram chegou desconfiado pórque nunca tinha visto uma cidade.

Aquelas casas agrupadas, tantas gentes nas ruas. Muitas musicas. Ele atrapalhava porque não sabia ler. Pagou um menino para conduzi-lo ao hospício. Olhóu assustado para aquela casa enórme de vários andares e perguntou ao porteiro.

_A Felicidade esta aqui?

O pórteiro sórriu. Depôis ficou sério e respondeu-lhe:

_Meu filho! A Felicidade nunca passóu pór aqui. Os que aqui ressidem são todos infelizes.

_Ela ha de estar em outro hospício e eu, vóu procura-la.

Ele se foi. Quando chegóu procurou o hospicio e perguntou ao porteiro:

_O senhór pode fazer-me o favôr de dizer-me se Felicidade passóu por aqui?

_Não! Não passóu por aqui então o senhór esta procurandó a felicidade? Se o senhór encontra-la diz-lhe para vir visitar-me.

José dós Anjos começou chorar.

_Meu Deus! Meu Deus... Mas eu, era tão feliz com minha Felicidade.

O pórteiro respondeu-lhe:

_Pôis então o senhór é mais feliz do que eu, que dêsde o dia nasci, não sei o que e felicidade. É a única cóisa que não poderei cóntar na minha vida é o que é ser feliz.

E Jose dós Anjós percorreu. Varias cidades. E as respostas eram como

espadas a perfurar-lhe o coração. Ele fói perdendo o interesse pela vida. Não mais procuróu barbeiro. Os cabêlos e as barbas confunde se. Cresçeu até a cintura. Quando êle chega num hospicio e pergunta:

_ A Felicidade passou por aqui?

Eles dizem... êle é louco! Abatido e sem ilusão, ressolveu voltar para gratão o seu desêjo é mórrer no seu ranchinho de sape onde êle e Felicidade fôram felizes. Isolóu-se por completo. Permaneçe sentado na pórta com os olhos fitós na estrada até a curva onde o automóvel dobróu. Esperando a Felicidade voltar. As vêzes êle impacíenta-se e brada:

_Onde estaes Felicidade!

Os cabêlos e as barbas de Jose dos Anjos, avulumou-se tanto, que parece a juba de um leão.

Favela

Carolina Maria de Jesus

Era o fim de 1948, surgio o dono do terreno da Rua Antonio de Barros onde estava localisada a favela. Os donos exigiram e apelaram queriam o terreno vago no praso de 60 dias. Os favelados agitavam-se. Não tinham dinheiro. Os que podiam sair ou comprar terreno saiam. Mas, era a minoria que estava em condições de sair. A maioria não tinha recursos. Estavam todos apreensivos. Os policiaes percorria a favela insistindo com os favelados para sair. So se ouvia dizer o que será de nós?

São Paulo modernisava-se. Estava destruindo as casas antigas para construir aranha céus. Não havia mais porões para o ploletario. Os favelados falavam, e pensavam. E vice-versa. Ate que alguém sugerio.

_ Vamos falar com O dr Adhemar de Barrós. ¬_ Ele, é um bom homem. E a Leonor, é uma santa mulher. Tem bom coração. Tem dó dós pobres O Dr Adhemar de Barros, não sabe dizer não a pobreza êle é um enviado de Deus. Tenho certeza que se nos formos falar com o Dr. Adhemar de Barros, êle soluciona o nosso problema.

E assim os favelados acalmaram. E durmiram tranquilos. Ainda não tinham ido falar como Dr Adhemar de Barrós. Eles confiavam nêste grande lider. Reuniram e foram. E foram bem recebidos pelo Dr. Adhemar que não faz seleção. E abria as portas do palacio para a turba. Foi por intermedio do Dr. Adhemar de Barros que o ze povinho conheceu as dependências dos campos eliseos. Citaram ao Dr. Adhemar os seus problemas angustioso.

_Dentro de 3 dias eu arranjo lugar para voçeis.

E o Dr. Adhemar que não decepciona que tem noção de responsabilidade das palavras conferenciou com o Dr. Paulo Lauro que era o nobre perfeito de S. Paulo. e ressolveram instalar os favelados as margens do Rio Tietê, no bairro do Canindé. E ficou ao cargo do patrimonio colocar os favelados. E começou a transferência. E os favelados mais de mil pessôas só falavam no Dr. Adhemar. Enalteciam o Dr.

Os terrenos eram medido por um fiscal. 6 de frente, 12 de fundós. Uns ficava contente, outros achava que era pouco. O grave problema. A agua para beber. Para lavar usavamos o Tietê. Os visinhos não queriam dar agua Quem tinha torneira no jardim chegaram até arrancar o cano para não nos dar água.

Nos estavamos com sorte. Os cargos politicos eram ocupados pelo Partido social progressista. Já denominado o Partido de Deus. O partido dos homens filantrópicos surgio o Dr. Armando de Arruda Pereira pareçe que ele foi vacinado com o sangue de São Vicente de Paula. Era filantrópico compreensivel isento de orgulho. Mandou instalar uma caixa d'água paraos favelados Que bom quando vimos a agua jorrar.

Quantas pessôas que moravam em casas de tijolos invejava os favelados dizia que nós eramos favorecidos pelo políticos. No inicio isto aqui era um primor. Todos os dias, chegava um barracão. Não havia divergência. Reuniram cotisavam e estalavam a luz. Quem tinha radio tocava e a favela, era mais alegre. Eu morava na rua Riachuelo. A casa foi demolida eu passei a residir no Hotel todas admirava. Dizia: granfina!

As vêzes eu empregava, dormia nos empregos. Não procurava quartos. Era a crise de habitações. E quando eu não tinha dinheiro dormia no albergue noturno. Nem sempre os bons ventos me favorecia. Ressolvi ir no patromonio pedir um lugar aqui na favela eu ia ser mãe. E conhecia a vida infausta das mulheres com filhos e sem lar. Vi muitas crianças morrer ao relento nos braços das mães.

Fui feliz. Ganhei. No inicio eu fui morar com o casal que bebiam. Todos utensilios cheiravam alcool. Eu trabalhava numa pensão. Quando eu chegava em casa estava exausta dormia enquanto eu dormia eles vasculhavam meus bolsos. De manhã, eu não tinha dinheiro para condução.

Eu queria fazer o meu barracão e não dinheiro para comprar tabuas. Estavam construindo a igrêja Nossa senhora do Brasil. Eu resolvi pedir umas tabuas para monsenhor carvalho. Ou sêja o padre João batista de Carvalho. Ele deu-me e eu não tinha dinheiro para pagar condução carreguei as tabuas na cabêça da Avenida Brasil ate o ponto final do Canindé.

Todas as nôistes eu dava duas viagens. Eu ia de bonde, e voltava a pé com as tabuas na cabêça. Treis dias eu carreguei tabuas dando duas viagens. Dêitava as duas horas da manhã. Eu ficava tão cançada que não conseguia dórmir. Eu mesma fiz o meu barracaozinho. 1 metro e mêio por um metro e mêio. Aquêle tempo eu tinha tanto mêdo de sapo. Quando via um sapo gritava pedia socorro. Quando eu fiz o meu barracão era um Domingo. Tinha tantos homens e nenhum auxiliou-me sobrou uma tabua de quarenta centimetro de largura era em cima dessa tabua sem colchão que eu dórmia.

Sempre fui muito tolerante pensava melhores dias ha de vir se Deus quizer comecei preparar o exonval do meu João José. Fazia o tratamento pre Natal no Hóspital das clinicas. Eu sentia tonteiras e caia mêia inconsiente. Alguns passava-me e não me olhava. Outros fitava-me e dizia.

_ Negra nova podia e pode trabalhar mas prefere embriagar-se.

Mal sabiam êles que eu não me sentia bem alimentação deficiente, aborrecimentos moraes, e físicós. Quando eu me sentia em condições de aguentar-me de pé levantava e prosseguia As vêzes eu ia na Igreja imaculada pedir pão. Quantas vezes a criança debatia no meu ventre Quando eu chegava no meu missero barraco dêitava.

Os visinhos murmurava. Ela é sosinha Deve ser alguma vagabunda. É crenca generalisada que as pretas do Brasil são vagabundas. Mas eu nunca impressionei-me com o que pensam ao meu respêito. Quando os engraçadinhos quiseram dizer-me gracólas, eu disse:

_Eu sou poetisa. Peço respeitar-me mais um pouco.

_A senhora não bebe?

_Não! E reprovo os que bebem. E ôdeio os que me ofereçe bebidas. O meu estomago é fidalgo não vóu deturpa-lo com toxicos.

Ninguem aborrecia-me. Dia 27 de janeiro de 49 percebi que estava prestes a ser mãe. Pedi a D. Adelia minha visinha que entendia de parto para me fazer companhia. Disse:

_Não posso!

E eu gostava muito dela. Tudo de bom que eu tinha casa eu dava, como pêixe tudo que eu comprava dividia com ela. Diante de sua recusa o meu afeto por ela, arrefeçeu. Eu gemia. E nenhuma visinha interessou-se por mim. A extinta Marina do Adalberto condoeu-se, vendo-me ali sosinha e Deus. Chamóu assistência e levou-me para o Hopital das clinicas. Eu estava matriculada lá. Açeitaram-me. As dôres multiplicava-se passei treis dias mo extertôr. Dia 1 de Fevereiro de 1949, as cinco horas o menino nasçeu. A parteira D. Amelia apressentou-me o menino e disse:

_Olha aqui o seu zolhudo!

Os medicos aproximaram para saber se o parto foi Nórmal. Quando o sol surgio, eu estava livre da agonia. Olhei a parteira perguntei-lhe como a senhora chama?

_D. Amelia!

Vou trazer uns frangós, uns frangos bem gordo para a senhora. Oh! se os

medicos e parteiras, e as enfermeiras reçebessem o que lhe prometem os dóentes. E eu não cumpri a promessa. Não esqueci. É que eu nunca tenho dinheiro dispunivel para dar presentes. Permaneci vinte dias no Hospital das clinicas. Fui muito bem tratada. E aqui na favela circulava um bôato que eu tinha falecido. Quando cheguei encontrei uma mulata no meu barracão. As curiósas vieram ver o menino. Umas dizia.

_Êle vae ser um cachasêiro ou então vai ser um Dr. porque a mãe dêle só fala em Drs.

_É precisa batizá-lo!

Quando a D. Amelia sugerio que eu devia dar o menino para o senhor Jose Nogueira batisa-lo. E dia 18 de Abril de 1949. Batisamós o menino. A D. Adelia tómava conta do menino para eu ir catar papel. Eu pagava 10 cruzeiro por dia. Mas quem deve cuidar do filho é a própria mãe. Mas eu preciso tolerava. Um dia eu pedi a D. Amelia um pouco de gurdura. Ela disse:

_Pôis sim!

Eu pensei: como a senhora é. Só quer reçeber. E nunca mais lhe dei nada! Eu mêsma passei a cuidar do meu filho. Ela resentiu-se com minha ausência. De vez enquando eu lhe encontrava, na ressidencia do meu cómpadre José Nogueira. Um dia eu passava o terno de linho do meu compadre. Quando eu olhei o meu filho que estava dêitado êle estava prestes a cair. Eu sai correndo para ampara-lo deixei o ferro ligado perto do terno. Quêimou-se. Eu notei o descontentamento. E jurei não mais passar roupas para eles.

No principio que passei a residir aqui na favela. Eu expantava-me quando via a radio patrulha ou uma discussão. A primeira briga que presenciei na favala, foi quando a Juana jogou agua quente no rôsto de seu companheiro Germano. Pensei: que coragem jogar agua quente no rôsto de uma pessôa! E se queimar a vista? Será que estas pessôas não sabem dominar seus impulsos? Não tem nervos iducadós? Depôis fui habituando-me com as atrocidade dos favelados. A nôite sempre havia bate fundo. Eu queria saber se o senhór Germano estava melhor. Mas, eu não tinha intimidade com êles. Mas ouvia as mulheres dizer que êle saiu correndo e foi banhar o rôsto no rio. Que o homem chorava altas horas da noite.

Sempre a gente despertava com um grito de soccôrro. Era mulheres apanhando dos esposos. No outro dia as vezes eu interferia como conselheira depôis, vendo que não obtinha resultados com os meus conselhos, deixei de imiscuir. O meu João José tinha 6 mêses. Eu catava papel no bairo da luz. A casa tra-lá-lá me dava papel. O seu mello da livraria muito iducado e muito bom e outros.

Quando conheci um espanhol, por nome Antonio Garcia todos me dizia que êle era um bom homem. E varias pessôas aconselhou-me para viver maritalmente com êle. Que eu não ia arrepender-me. Ele vendia linguiça. E era conhecido como "O linguiçeiro. Ele me dava muita linguiça... Depois fui aborreçendo. Quando ele me dava linguiça eu distribuía com os visinhos.

Eu deixava o menino sosinho e Deus no barracão e de manhã eu saia para catar papel, o deposito era na rua Joaquim Murtinho. Eu recebia o dinheiro e vinha correndo. Eu dizia para o dono do deposito,

_Pesa o meu papel depressa pórque os meus seios estão chêios de leite.

E o lêite dôia-me. As vezes transbordava.

Um dia surgio um preto e sua companheira fizeram o barracão perto do meu. Cobriram o teto era de papelão. E naquele tempo chovia quase todos os dias. Era pior barracão mais humilde da favela. Mas, quando o preto saia a rua tinha aspecto de Dr. ternos de linho otimo relógio aneis de ouro. etc. Todos lhe chamavam de Manôlo. Um dia por motivos futeis insultaram me, e discutimos. No outro dia o meu filho amanheçeu evacuando verde. A D. Adelia disse:

_Ele mamóu lêite raivoso.

Eu quis saber o que era lêite raivôso. Ela explicou-me dizendo que havia discutido e quem amamenta não pode exaltar.

O linguiçeiro vinha sempre as segunda e quartas. E eu lhe reçebia amavelmente. Mas não contava os aborrecimentos que as mulheres da favela inflingia-me. Ele repreendia-me. Para eu não ir na ressidencia do meu compadre. Dizia:

_Eles te explóra.

Eu carregava agua, ia fazer compras tudo que a comadre me mandava fazer, eu fazia.

Um dia, eu disse ao espanhol que é o linguiçeiro mas eu lhe chamava de espanhol.

_Eu vóu ser mãe. E voçê precia me dar dinheiro para eu erguer um barracão.

Como é que eu vou ter mais um filho neste barracão de 1 metro e meio de largura não tinha espaço. Oh! eu não posso! Ele me dava só vinte cruzeiros por semana. Dizia voçê ganha mais do que eu. Revoltei interiormente. Noutro

dia eu levantei dicidida. Fui trabalhar com o obgetivo arranjar dinheiro para eu erguer o barraco. Eu estava catando papel para o Estefenson. Eu catava papel das sete até as 11. Quando eu ia receber ele dizia deu vinte cruzeiros. Noutro dia eu mandava mais papel. Pensava: hoje eu ganho mais. Ele dizia deu vinte cruzeiros. Passei a mandar o papel para a rua guarapé. O primeiro dia, ganhei 45 cruzeiros. Fiquei contente. Noutro dia 55 cruzeiros pensei: Agora sim! posso mandar fazer o barracão.

Quando eu transitava pela rua Nestor Prado vi varios caixotes. Perguntei:

_O senhor vende esses caixotes?

_Vendo-os. Por oitenta cruzeiros a senhora pode leva-los.

Arrangei os Oitenta cruzeiros paguei, e dei o endereço. O homem trouxe no seu proprio caminhão, e não cobrou á transporte. Passei a trabalhar com dono. Todos os dias eu comprava uns caibros se ganhava cinquenta cruzeiros comprava treis caibros. Se ganhava quarenta comprava dôis. E assim, eu fui cómprando ripas. pregos e telhas...

Precisava comprar dormentes porque Os barracões tinham que ser construído. Chovia dava enchente. E eu tinha passado uma enchente dentro d'água. O antigo barracão foi construido na terra sem assoalho passei treis dias em cima da cama. Puis o fogareiro nos pes da cama comprei uma lata de carvão e ali naquela posição imcomoda eu preparava minhas refeições.

Fui na estação do Bras cómprar os dormentes paguei vinte e quatro cruzeiros. E para comprar os dormentes, a gente precisa ir em varios lugares. Quem fez o barracão para mim, foi o extinto Belisario e o senhór Juaquim Mathias. Eu ganhava quarenta e cinco por dia, catando papel, E pagava cinquenta cada um. Reservava o dinheiro para o senhor Juaquim Mathias. Que era o mais exaltado. Eu comprei o material do Senhor Eduardo seis caibros e uma porta a credito para pagar depois. Ele disse:

_Voçê paga os outros primeiro eu espero!

Um dia o senhor Juaquim Mathias vêio cobrar-me. Eu não tinha dinheiro em o

Quando lhe entreguei o dinheiro, ele sórrio.

_Muito obrigado D. Carolina! A senhora é uma mulher e tanto. E preta de primeira. Não é preta de segunda categoria. Quando a senhora precisar de mim, eu estou as ordens. A senhora não quer entrar? Venha tómar um cafezinho D.

Carolina!

Mas, eu jurei não mais ocupar o senhor Juaquim Mathias pra nada. No outro dia era sete horas quando recebi a visita da tal D. Guiomar. Irmã do senhor belisario. Vêio cobrar-me. Gritou:

_É habito das mulheres da favela gritar quando falam.

_A senhora precisa pagar meu irmão! Pagou todos, e ele é doente. Trabalhóu sem poder. Precisa receber.

O linguiçeiro me dava linguiça, eu fazia macarrão com linguiça para mim e o meu filho João José. O menino chorava quando comia o macarrão porque, a linguiça tinha pimenta. Mas, eu não podia comprar banha. As vezes eu encontrava o senhor Eduardo Pêra no empório êle comprava leite para meu filho.

Ressolvi arranjar um emprego que me aceitasse com o menino. Fui na radio Piratininga o Chico carretel anunciou e me apareceu um emprego. Fui tratar deixei meus documentos como penhor. Trabalhei ôito dias fui despedida. Achavam que eu, e o menino dava prejuizo. Percebi que eram nóvos ricos. Continuei catando papel. Todos os o que ganhava recebia.

Um dia, eu estava indispósta, Não queria sair. Depois dicidi fui a pé. Quando cheguei na estação da luz achei um relogio. Era sete horas no relogio da luz. Era sete hóras no rélogio que estava no chão. Passei a usar relogio. Alguns perguntava.

_ Voçê achou êste relogio no lixo?

Quando cheguei na favela encontrei um bate fundo. As mulheres falavam que o senhor Francisco kiss, tinha segurado uma senhora, para a sua esposa expanca-la. E que a vitima estava com o braço engessado. Todos os dias a radio patrulha vinha na favela.

27 de maio de 1950 eu sai na Epoca. Quando os faveladós viram o meu retrato no jornal ficaram habismadós. Dizia:

_A D. Carolina esta no jornal. O que ela fez? Róubou?

_Não! É poetisa. Esta dizendo que um dia, há de ser escritora!

Ah! vóu comprar o jornal para eu ver. Foi a quadra mais hedionda da minha vida! Eu não tinha roupas não tinha agassalhós. E o frio naquela época, era de estarrecer. Era a época da campanha elêitoral pra candidatura de Getulio

Vargas. E o jornal que enaltecia

o extinto presidente. Era o Defensôr. Dirigido pelo jórnalista Jorge Corrêia. Cómo eu era getulista pedi ao senhor Jórge Córrêia, se açêitava minhas colaborações. E passei a escrever no "O defensôr".

(Eis o artigo) 17 de junho de 1950.

Getulio será presidente pela redação a dentro num gesto sincero e expontaneo chegou ate nos a senhora Carolina Maria inspirada poetisa negra, em os retoques e ilustrações exigidos pela cultura que vêio trazer seu testemunho até nós de gratidão, e veneração pelo insigne estadista GetulioVargas. Em poucós mómentos, e screveu o artigo abaixo e alguns versos que transcrevemos.

Nobre povo brasileiro, para eliminar-mos a prepotencia dos politicos sem noção devemos unir-mós e votar incondicionalmente no ilustre e nobre senadôr Getulio Dormeles Vargas. Precisamos de homem de sua tempera de capacidade indiscutível e larga tirania politica para dirigir o futuro do nosso pais tão sacrificado pela imcompetencia dos politicos irresponsaveis. O nosso Brasil esta necessitando de um homem para dirigi-lo. E não deixa-lo a merçê dos gananciósós que dia- a-dia aumenta os pêco dos generos de primeira necessidade. E abusam da minguada bolsa de um povo quase faminto. O nosso Brasil e um pais rico e fecundo, Campôs de produzir de tudo não havendo nenhuma necessidade de espantôso custo de vida. O preço exorbitamte da vida atual nos leva a recordar com saudade os dias das eleições presidenciais. Assim sêja, quinze anos de governo, do ilustre Getulio Vargas. Quando então, tinhamos tudo em abundancia e por prêço mais em conta. Apesar da guerra.

Hoje vivemos apertados, ou exprimidos no toniquête dos tubarões... Os filhos dos operariós não tem infancia. Não tem brinquedos. Não tem distrações e tão logo terminem os cursos primariós são obrigados a trabalhar nas fábricas, onde muito cedo perdem os sonhós tao propriós da puericia. Muitos se esforçam para estudar, mas dessanimam e intérrompem os estudós quando sentem a penósa e embaraçosa situação, sêja pela dificuldade finançêira com que lutam. Sêja pelo grande esforço fisico. dispendido.

O estudante não tem proteção. Não tem desconto nós livros didaticos. As taxas escolares aumentam extorsivamente. É preciso interessar pelo jovem pobre que estuda, auxiliando-o pois precisamos que garantam um futuro melhor para nóssa terra. Essas razoes e inumeros outros problemas é que nos impele a almejar um governo democratico imbuído da essencia da alma nacional. Que realize apenas o bem estar da coletividade. Não oprimindo o seu já tão martirisado povo.

O Brasil sem presidente Vargas anarquisou-se ao extremo. O presidente Dutra só nos tem causado decepções apesar de nele havermos depositado tôda

nossa confinça Qual foi o decreto do presidente Dutra que favoreçeu os pobres? O aumento da carne do café e do pão. dos viveres, dos alugueis de casa etc. Ate agora só tem assinado decreto oprimindo o poco em favor dos tubarões. Não devemos e nem podemos votar nesses politicos inconcientes. Devemos dar nossos vótós ao grande e inesquecivel Getulio Vargas. O maiór dos brasileiros a quem conhecemos e em quem o Brasil muito confia. Ele pertence o núcleo dos inteligentes e observadores que medem suas palavras e não enganam os que lhe depositam confiança. Nós, os humildes pobres operario de cor ficamos imensamente satisfeitos com a candidatura do eminete estadista a quem tanto devemós. Se Deus quizer ele voltará.

Findando o que havia transcrito a senhora Carolina maria dedicou ao senhor Getulio Vargas os seguintes versinhos.

É orgulho da nossa gente

É opinião Brasileira

Que temos um presidente

Que honra a nóssa Bandeira

Getulio heroico e potente

Grande alma Nacional

Devia ser presidente

Desde o tempo de catedral

Getulio é competente

Para guiar a Nação

Foi um grande presidente

Deixo minha impressão

Nas minhas orações peço

Ao bom Deus, justo e potente

Para ter breve regresso

O Getulio a presidencia

Carolina Maria

Eu estava gestante. E não podia auxiliar o nobre senhor Jorge Corrêia. Quem escrevia era o senhor Ribeiro, Nelson Branco Ribeiro, Jorge Corrêia, Luiz Brasil e D. Luzia. Esposa de Jorge Córrêia que as vezes levava eu para o edificio America onde era a redação. Notava o caso de D. Luzia. Mas ela não se abatia. O seu interesse era a Vitoria de Getulio Vargas. Pensei. Para grandes esforços grandes recompensas. Será que o presidente Vargas ira recompensar estes colabôradores?.

O Senhór Jórge Correia, açêitaria qualquer colaboração. O Luiz Brasil me falava de sua esposa que não sabia ficar longe dela. E assim fiquei conheçendo o grande compositor Peter pan. Que é o senhor Luiz Brasil. Escrevi outro artigo no "O defensor" 23 de junho 1950.

O minha filha querida parabens, pôis vaes casar!

Queres ser feliz na vida

Ouça-me o que vòu citar

Dizem que é a mulher

Que faz feliz o seu lar

É feliz se ela souber

- Viver, e pensar

Trate bem o seu marido

Com tôda dedicação

Não o deixes aborrecido

Não lhe faças ingratidão

Se o teu marido falar

Não te custa obedeçer

O que se passa no lar

Ninguem precisa saber

Se teus filhos, da-lhes prazer

Enquanto são meninos

Pórque depôis de crescêr

Ninguem sabe seus destinos

Cónfórma-te, é não protesta

As agruras de pobresa

Ser pobre e honesta

É uma grande riquêsa

Sêja muito carínhosa!

E agradavel no falar

Uma mulher nervósa

Não prende o esposo no lar

Seu espôso, deves honrar

O matrimonio, é ato sério

A vaidade, faz a mulher transviar

A sociedade, reprova o adulterio

Não mais fui na redação. Faltava dois mèses para eu ser mãe. Já andaria com dificuldades. Deixei de colaborar na candidatura Getulio Vargas. Mas desêjava o seu retorno. De manhâ eu ia catar papel já andava com dificuldade. Mesmó assim, eu consegui dinheiro e mandei ligar a luz. Paguei cento e vinté de depósito e passei a pagar dez cruzeiros por lucro. Eu saia um dia sim, um dia não. Dia 6 de Agósto, eu fui para a maternidade.

Era Dómingo. Olhei o relogio era quatro horas pensei. É melhor eu sair agora. Se eu deixar o dia surgir estas faveladas, entram aqui dentro do barracão e começam aborreçêr-me vesti e sai. Tomei o bonde e fui para cidade. Quando cheguei na estação da luz a dor aumentou-se e eu começei gemer. O Condutôr Pedro perguntou-me:

_O que tem?

_Eu vóu para a maternidade! Olha as roupinhas para trazer a criança.

Ele gritou:

_Toca o bonde!

E o bonde seguio rapido como flexa. Quando cheguei no largo São Bento eu não mais pude desçêr do bonde. E o senhor Pedro queria me ver fora do bónde.

Dizia:

_Desce! desçe. desçe.

Eu, gemendo. Desci. Deis uns passós e sentei. Um senhór que ressidia aqui na favela chamou um taxi pagou para levar-me para maternidade. Dentro do carro eu já não podia sentar. Quando cheguei na maternidade São Paulo receberam-me. E a parteira perguntou-me:

_A senhora vêio sosinha?

Eu vinha de bonde. Quando cheguei no largo São Bento, a dôr aumentou-se e um senhor pagou o carro para mim. Quem vae para maternidade não pode ir sosinha. precisa vir acómpanhada. Olhou-me e perguntou-me:

_A senhora não é louca?

_Não. E nem pretendo enlouqueçêr-me.

Levei uns jórnaes e umas revistas para eu ler. A enfermeira disse:

_Eu nunca vi ninguém ler com dôr de parto.

Uma hora o bebé surgira. A parteira disse:

_É homem.

Fiquei contente. Exclamei:

_Agóra tenho dois homens.

E pensei no João José que tinha ficado com a Florênciana ela cobrou cem cruzeiros, para olhar o menino. Permaneci quatro dias no hóspital. Quando cheguei aqui na favela eu soube que o Cyrillo tinha espalhado que eu tinha tido filho no bonde. Pensei. Até os homens de favela são mentirosos.

As curiosas, vieram ver o menino. Eu não tinha nada para comer. Fui na rua dós gusmões na livraria Jose Olimpio, e pedi cinquenta cruzeiros ao Seu Mello. Eu lhe escrevi um bilhête nêstes termos: Seu Mello depôis de vasculhar meus pertenços vi que o que eu tenho é apénas sal. Como não estou em condições de trabalhar vim pedir ao senhor cinquenta cruzeiros emprestado. Ele, deu-me o dinheiro. O Seu Mello já sabia que era póetisa. Ele, leu meus versos no Defensôr.

Dôis dias depôis, o espanhol vêio ver o menino. Achóu que parecia cóm êle, e foi a primeira vez que ele me deu cinquenta cruzeiros. Disse para eu registrar o menino no meu nóme. E por o nome de José Carlós. Fiquei apreensiva precisava comprar lêite em pó para o menino. Talco, açucar, e outros pertenças. E os cinquenta cruzeirós, não dava! Quando cómpletei dez dias de dieta fui trabalhar. Puis uma cinta saia as 6 da manhã e voltava ao mêio dia. Vinha pensando no menino. Meus seios dôia de tanto lêite. Chegava abluia-me, e dava de mamar o menino.

Arrangei uma mocinha para olhar o menino até eu voltar. E passeia trabalhar mais socégada. Todos dias eu lhe dava dinheiro. Ela comprava alcool. Mas o menino ela olhava bem. Minha vida pioróu porque todos os dias eu lhe dava dinheiro e não guardava um centavvo. Mas mêsmo assim, eu ia tolerando pórque ela trocava o menino e lhe dava mamadeiras na hóra certa. O espanhol me dava apénas niquel e linguiça. Um dia, eu exaltei. Eu não fiz promessa de comer linguiça todos os dias. Eu preciso e de dinheiro para alimentar o seu filho. Percebi que não adiantava insistir.

Apelei pelas minhas fôrças. Trabalhava em escesso. O seu Mello disse:

_Não arranja mais filhós. A senhóra luta muito.

Dei-lhe meus cadernos de poesia para ele ler. No principio tinha vergonha de catar papel. Quando começêi achar anel de ouro e outras obgetos de valôr no lixo, começei interessar pelo oficio mas, a gente precisa fazer qualquer cerviço para ganhar e custear a vida. Quando eu exibia os obgetos que encontrava no lixo. A minha pessima visinha disse:

_Ela roubou.

E porisso comecamos discutir. E o titulo que não aprecio é o de ladra. E a Lêila passóu a insultar-me. Eu sempre tive linha. Não sóu muito cumunicativa na favela para ver se estas faveladas respêita- me. Aqui na favela residia uma louca por nome Segunda. E um dia a D. Francisca Kixx que então já era denominada a lampeân da favela expancou-a a pobre demente. Lhe rasgando as vestes. Era eu que defendia a pobre Segunda. Penso que quem discute com louco e a mêsma coisa que discutir com um difunto. Vários jovens disseram-me:

_Dona Carolina a senhóra não quer nos ensinar a ler? Nos lhe pagamós.

_ Pôis não.

Arrangei uns caderno e comecei lecionar. Para mim, era um prazer ser util aos faveladós. Eu arrangei dois alunos. O Raymundo e o José Preto. O Raymundo

já sabia ler. Já conhecia as letras. O José Preto é que não sabia nada. E não decórava nada mas, eu perssistia. Lia para êle ouvir-me. Percebi que êle não interessava pelas liçôes. Um dia ele disse-me:

_Sabe dona Carolina, eu queria amasiar com a senhora. Mas, como a senhora não sai a nôite. Não para nas esquinas, anda sempre córrendo, eu pensei:

_Eu peco-lhe para ensinar-me a ler e só assim, terei a oportunidade de lhe falar.

Disse-lhe que não! E no outro dia, os alunos não vieram. Continuei a minha vida atribulada. Adiquiri o habito de andar depressa porque quando eu saia deixando os meninos e precisava retornar logo para preparar-lhes as refêições. Em Março de 1951 eu comprei um radio. Quando o espanhol viu o radio ficou admirado. Eu lhe pedi dinheiro para comprar um ferro eletrico.

–Vamos ver!

Foi a resposta indiferente. Mas eu sabia que se eu fôsse esperar por êle, nunca eu teria ferro. Quando ele apareçeu encontrou o ferro. Eu tinha comprado cinco quilos de toucinho. Êle disse:

_Voçê podia aprender economisar.

Quando eu tinha casa o espanhol dava-me algum dinheiro, duzentos cruzeiros. E quando eu não tinha nada, êle não me dava um centavo.

Em 1943 no mês de Abril a Leila fundou um Centro Espirita. Mas a seção iniciava as sete da nôite e terminava as 3 da manhã. Gritavam Choravam. Bebiam. Dançavam. Eu reclamava. Pedia ao Manolo para nos deixar dormir. Eles exaltavam e ameaçavam expancar-me. Quem frequentava o Centro Espirita eram a Aparecida e sua mãe Guiomar. Faziam seção durante o dia. Elas não trabalhavam. Dormiam durante o dia. E eu, e outras que tinha mas que trabalhar é que sofria. Eles mandavam buscar bebidas. E a fama de Lêila começou circular que ela consertava vidas. Que arranjava empregós. Que retirava espíritos e a fama do centro espirita da favela foi médrando. Começóu surgir pessôas de todos ladós. Os meses passavam e o centro não nos deixava em pas. Aqui na favela é assim.

As mulheres falavam na ausência. E eu, sou diferente falo diretamente. Em maio de 43, dia 27 eu sai no Ultima hóra. Como eu disse que havia feito meus estudos no colegio Allan Kardec. Sugio varias pêssoas procurando-me para ir nos centros que eu era média, que precisava frequentar seções para dessinvolver. Mas, eu nunca acreditei nas religiões criada pelo homem. Crêio no catlholicismo criado por Jesus Cristo. Depôis a unica religião onde os milagres manifesta é no

catholicismo. As pessôas que santificam, eram catholicos fervorôsos. E o titulo mais distinto é "Santo! É um titulo dôado pela Naturêza.

A D. Guiomar um dia falou-me de espiritismo no colégio Allan kardec. Porque era obrigatório o estudo mas não fascinei-me... Dei preferência a religião de me meu avô. A tal D. Guiomar é metida a dominar. Quis exercer seu dominio sobre a minha pessôa mas não lhe dei muita confiança lhe evitava. E assim surgio nossa divergência.

Em Agosto eu não mais podia suporta a fraquesa por não domir. Não era so eu quem sofria. A D. Julieta tambem. Dia 18 de Novembro ressolvi chamar a radio patrulha. Era duas horas até as crianças estavam dispertas. O barulho havia multiplicado. A tal Lêila quis penetrar no meu barracão para expancar-me. A policia nos levóu. Eu levei meus fillhós. Eles tremiam de frio. Levei todos documentos. Pediram um carro de preso. Demorou surgir.

E enquanto espéravamós o carro trocavamos insultos. Os guardas pediram o carro com urgencia que os detidos estavão turbulentós. E estação da Radio patulha perguntóu se precisava auxilio. O guarda disse que não. Um guarda noturno que transitava vendo o outro sosinho ressolveu auxilia-lo. O guarda nos mándou andar e esperamos o carro de prêso na rua Padre Vieira. Fomos andando. Eles dizia que o centro Espirita, era útil. Eu disse que o que eu achava no seu centro, é Espirito de pôrco, para nos pertubar, para não nos deixar dormir.

_Vocês não trabalham, podem dormir ate tarde são uns animâis que não tem problemas. Não pensam em mudar o curso de vida.

Assim que surgio o carro de preso entramos. Era dua hóras da manhã. A nôite estava tépida. Os guardas civis, iducados e comprensiveis mandavam eu sentar na frente com os meninos. Quando chegamos na central o delegado disse:

_O Centro Espirita e vadiós tem que ir para o gabinete. Fiquei contente pensando: Agora êles ficam lá uns dias, depôis a policia depórta-os E pensei: No Amazonas mandar êstes turbulentos para as flôrestas virgens. Que otimo manjar para os indios antrópófogós. Os guardas nos mandou entrar no carro de prêso. Assim que chegamos eu dei a quêxa e asinei um papel. E não vi mais os mediuns Espiritas. Fiquei com dó só do Manôlo. Um preto estilôso. E era sábado. Pensei: Ele gósta tanto de baile! Eles eram oitos Amir Castilho, Zerico, Binidito, Manôlo e os médios. Quando cheguei na favela era sêis horas. Deitei e dórmi.

Quando abri a porta vi a Dona Juliêta Castilho lavando róupas. Dirigiu-me um olhar furioso. Eu disse:

_O seu filho foi prêso, pórque quis. Ele não pode ver briga fica mêio louco. Tudo fiz para impedi-lo. O irmão de Amir Castilho esforçou-se para leva-lo para

dentro de casa.

Equanto êles estava presos, que soçego na favela! Que nôite gostosa! Quem resside em favela a nôite que dorme dá graças a deus. Os favelados agitam-se. Quando a Lêila sair ela vae ver! A Lêila, é a lamipan, a Lêila, é o Pancho Villa, A Lêila, é o Diaguinho. Mas, eu não temia. Fiz tudo para ver se conseguia deporta-los. Mas foi abolida e deportção. Sairam segunda-feira a noite. A Lêila e seu companheiro, fóram buscar os filhós. Assim que chegavam com as crianças disseram-me esta negra me paga!

_Se voçês estão dicididos a lutar, vamos já! O que tem que fritar antes de assar já põe direto na brasa. Se voçês estão quente, eu estou fervendo.

O Binidito vêio insultar-me. Ele e o Amir Castilho. A Dona Julieta Castilho queria que seu filho, expancasse-me. O Manôlo interviu e fôram dórmir. A Lêila deçepcionóu os favelados. Perdeu o seu brasão de violenta. Comecou a coferência entre Lêila, Aparecida filha de D. Guimar e Dona Guiomar. A D. Guiomar, era instigadôra. Dizia:

_Isto não pode ficar assim! Temos que dar um gêito.

E foram na segunda delegacia na Rua Corrêio de Mello dar quêixa. E disseram ao Dr Binidito de Carvalho Veras que eu lhes insultava. E era mentira! Era viçe-versa. Eu estava gestante esperando o terçeiro filho, tinha muitas dôres, e tunturas e nauseas seguindo indispocisão. As vezes eu recebia intimação e não ia. As varizes dôia demais impedindo-me de andar. Eles compareciam. E eu não. Eu ia dêitar. Trabalhava em excesso. Elas prevaleciam de minha ausência para variar. Dizia para o Dr. Biniditode Carvalho Veras.

_Ela disse que não vem que é poetisa. Que tem cartas com a policia.

Eu recebia outra intimação. A Frorenciana dizia vae Carolina. O delegado disse que vae mandar um carro de preso para te levar. Eu já estava chêia de ouvir o disse, disse. Fui e levei meus filhos. O Dr. Binidito de Carvalho Verás disse.

_Quando eu lhe mandar chamar, venha! A senhoras comigo não tem cartás. A senhora anda dizendo que tem cartás com a policia.

_Tenho muito senso. Sóu poetisa. E o poetas não diz futilidade.

A senhora é turbulenta, anda pertubando estas senhoras honestas.

_Sem vergonha!

_O senhor é o primeiro homem no Brasil que me chama de sem vergonha. Sua fraca opinião não me abala.

_Prende ela Dr.

Ouvi alguem dizer no interior casa. Meus filhos subiam em cima dos bancos. O Dr. Binidito de Carvalho Veras disse:

_Que crianças sem iducação.

_A idade deles não lhes permite senso. Eles estão habituados, ir nas redações, e os jornalistas estão habituados, estão ao lado, de pessôas iducadas.

A Lêila disse:

_Sabe Dr... ela disse porque a policia não prende o sete dêdos?

_Eu disse dr. O poeta não nega o que diz!

_Vae embóra. Eu não gosto da senhora.

Vim embora. A Guiomas espalhõu na favela que o Dr. Binidito de Carvalho Veras maltratara-me enquanto o Dr. maltratava-me. Eu ia escrevendo para passar no meu diário. Toda semana elas iam dar quêixa contra minha pessoa. E o Dr. Binitido de Carvalho Veras dizia:

_Faça um abaixo assinado e vamos obriga-la assinar um têrmo de bem-viver.

Pensei: Eu tiro meu atéstado de anteçedentes peço assinaturas nas casas que trabalhei, aos jornalistas que me conheçe, os de São Paulo, e Rio de Janeiro e envio para o ministro da justiça e processo estas caluniadoras exijo indenisação em dinheiro!

O desêjo da instigadôra Guiomar era me ver no carçere. As mentiras de Guiomar eram infindas que eu disse que as filha Aparecida era meretriz. Quem aprovava tudo, era Leila a inimiga do trabalho. Depôis transfériram a delegacia para Rua Itaqui elas paravam com as intrigas.

Dôis mêses depôis, tive a miha filha Vera Eunice. Nasceu dia 15 de julho de 1953. Quem assistiu-me foi a Flôrela e D. Maria puerta. Depôis do parto, eu fiquei na cama. A. D. Zulmira deu-me de comer para mim, e meus filhós. Não apareçeu uma mulher para auxiliar-me carregar uma lata d'água, ou lavar minhas roupas.

Foi o dia que passei uma cêde hórrivel não podia levantar para tomar agua. Meus filhos ficaram sujos, e tôda hora vinham na minha cama pedir pão. Eu tinha uns pedaços de pão duro que eu havia catado no lixo, descascava os pães, e dava para eles comêr. O pae de minha filha apareçeu, mas não me deu um tustão. Disse que estava ressidindo no Rio de Janeiro, para eu não procura-lo. E eu pensava. Se eu tivesse tido essa criança no Butantan, quem sabe se as cobras auxiliava-me. Entre os animais talvez, êxiste solidariedade.

E pensei na Juana do Germano quando tinha filho eu lhe lavava as róupas. E o Germano me deu uma garrafa de cervêja. Na Theodora. Conhecida por Darça. Também fui eu quem lhe lavei as roupas. Até fiquei adimirada porque ela tem mãe, irmã e a tia guiomar. Quando a filha dela nasceu veio pedir para eu lavar roupas pensei. Pucha! Ela tem mãe! Que especie de mãe e essa? Fui buscar as roupas e ela disse-me:

_Ninguem tem fêito nada para mim. Se eu quis comer tive que fazer.

Pensei: Esta tambem devia ir para o Butantan.

A Silvia quando teve filhos e eu lhe lavei as roupas. E o seu espôso, o cinico Antonio de Andrade disse que havia róubado sabão. Relembrei tudo isto. Ninguem apareceu a porta dórmiu aberta. Os meninós não sabiam fechar. Foi a primeira vez que meus filhos dórmiram sem tomar banho. No outro dia eu levantei. Fui buscar agua. As mulheres dizia:

_Credo! Faz mal. Voçê e lóuca?

Pensei: Estas falastronas. Só servem para dar palpite. De tanto falatorio fiquei com dôr de cabeça. Mas jurei nada fazer para os faveladós. O pior problema era alimentção. A reçem nascida churumingando. Os dôis filhos pedindo comida. Pedi as mulheres da favela que amamentava, para dar mamar a minha filha.

_Não posso! Não tenho!

_Pensei: Se fôsse para presencear uma briga ou falar mal de alguem, elas tinham tempo. Voltei pra casa fiz um mingau de fubá. Puis gurdura adôçei e deu uma colherada para a menina a bôca era tão pequenina precisei usar uma colher de café. A menina dormiu. Pensei num velho proverbio: O que não mata, engorda.

Fui lavar minhas róupas. Começaram o falatório.

_Eu nunca vi niguem ter filho num dia, e levantar no outro.

_A sénhora não tem mêdo?

_A senhora não e louca?

Eram tantos palpites. Não tinha nada para eu comer. E estava tonta. Fui no deposito que cata papel e pedi cem cruzeirós. Ficaram admiradós, não faziam nem quarenta e oito horas de parto. Todos adimiravam dizendo:

_Que mulher forte!

Eu quase não podia andar de fraquêsa. Foi a fome que impeliu-me a levantar. Comprei uma lata de lêite em pó, açucar, e um bico de mamadeira. Quantas pessôas que me viam córriam ocultavam-se com reçêio de lhes pedir dinheiro emprestado. Fui na Avenida. A senhora de um tenente me deu uns pedaços de pão, e um pouco de arroz e fêijão. Seis dias depois fui catar papel. Cançei. Sentei. Tive desêjos de chorar. Pensei: As lagrimas não soluciona as dificuldades.

A D. Nair O. Barrós foi quem deu-me dôis colchôes sinão, eu tinha que dormir em cima das tabuas. Lembrei de D. Nair eu fui lhe pedir um póuco de açucar emprestado. Ela deu-me pão macarrão arroz e açucar. Quando eu comia me dava sono. Pensei pedir qualquer coisa a mãe do Dr. Fausto Bornidino. Ela é filantrópica mas, fiquei com vergonha. Não tenho gêito para mendigar.

Quando a menina tinha 11 dias eu fui ao juiz pedir para obrigar o pai dela lhe dar pensão. Atendeu-me Dr. Valter Aynhêre. Deu-me a intimação. Cheguei em casa lhe escrevi na carta: Você, é um monstro. Voçê tem rabo. O seu rêino, é no inferno, junto como diabo. Voçê precisa lavar sua consciência. Puis a carta e a intimação dentro de um envelope e levei, e puis na caixa. A tarde êle apareceu. Bateu na porta. Disse:

_ A senhóra não precisava arranjar advogado. Eu sóu um homem distinto. Eu não quero ver o meu nome na policia. A senhóra retira a queixa e todos mêses, eu venho lhe trazer dinheiro! Todos dias 12.

Convidei-lhe:

_Entra.Vem ver a menina!

_Ha! É menina!

Percebi seu descontentamento.

_Não entro. Estou nervôso! Eu hoje não almocei.

_Voçê pórque não quis! E eu, pór não ter o que comêr!

Ele deu-me duzentos cruzeiros bruscamente.

_Voçê não devia ter levantado no primeiro dia de parto.

_Se eu ficasse na cama o que ia comer? A única côisa que a gente me pode transferir é a fome.

Concluimós que eu ia retirar a quêixa. Cómprei carne fiz uma sôpa reanimei-me. Fui para o juizado. Disse ao Dr. Valter que êle havia dito que era um homem importante e que não ia faltar. Que todos os dias 12 me dava dinheiro. Para eu retirar a queixa. O dr. Valter não açêitou. Escrevo para êle que o advogado não aceitou as condições que êle expos. Aquelas viagens fatigava-me. Passei uns dias sem ir ao juiz. Ressolvi esperar o dia 12 de Agosto para ver se êle apararecia com o dinheiro.

O dia 12 surgiu, e êle não vêio. Fui lá no juizado. Procurei o meu advogado. Ele ja esteve aqui. Assinou o compromisso é só a senhora assinar. Assinei. Ele disse que era opérario que podia dar só duzentos e cinquentas. Pássamos a discutir por correspondencia. Eu lhe escrevia: voçê, é pão duro! Unha de fome! o dinheiro não dá, maldita hora em que te conheci. Antes tivesse conhecido o diabo Mas, quando encontrávamos nós falava-mos amigavelmente. Eu dizia:

_A menina é muito bonita!

_Qualquer dia, vóu vê-la!

Que suplicio para sair, para o trabalho deixava as treis crianças só e Deus. O recêio de acontecêr qualquer cóisa funésta. Aqui na favela a gente não tem vizinho. Se acontecer qualquer coisa êles estão pronto para comentar e aumentar e não favoreçem.

SETE ENSAIOS SOBRE CAROLINA

Geny Guimarães

Mariana Santos de Assis

Flavia Rios

Sergio da Silva Barcellos

Fernanda Matos

Miriam Alves

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder.

Geny Ferreira Guimarães

"[...] Os políticos sabem que eu sou poetisa.

E que o poeta enfrenta a morte

quando vê o seu povo oprimido."

20 de maio de 1958

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, interior de Minas Gerais, em meados da segunda década do século XX. Ao menos é o que se possui de notícia, pois a data precisa não é confirmada, fato que consideramos comum entre famílias negras daquela época devido à demora em registrarem seus filhos e filhas, por questões financeiras. Contudo, a data conhecida é esta, 14 de março de 1914, assim relembrada neste ano de 2014 pelo seu centenário.

Podemos dizer que o mais significativo para, principalmente, nós, mulheres negras, é "o quê" Carolina Maria de Jesus produziu mais do que "o quanto". A quantidade de escritos com os seus diversos desejos (editorial/livro, teatro, música etc.) é vasta, mas o que importa mesmo é o fato de a produção literária (poética, contos e romances) desta mineira nos causar tantos impactos devido ao seu impressionante conteúdo, pois a força e lucidez emitida por meio de suas palavras escritas representam espelhos refletindo cada uma de nós.

Por isso, somos Carolinas!

A Literatura Canônica Brasileira – aqui tratada historicamente como uma instituição formada por pessoas que a dirigem, administram, portanto, tomam decisões, fazem escolhas, angariam os lucros e projeções, ou seja, um grupo social específico e com características próprias que tenta protagonizar todo o legado patrimonial gerado no processo histórico de construção de uma identidade nacional. Processo de imposição deste mesmo grupo que não deu conta da grandiosidade desta escritora. Assim, no lugar de assumir uma impossibilidade da Literatura em recebê-la, diante de sua estrondosa e ilimitada genialidade, Carolina

foi preterida e, portanto, desenvolvida uma tentativa de anulação de sua escrita. Apenas tentativa, porque tal feito não foi bem-sucedido. Por isso é possível afirmar que a Literatura Brasileira nunca mais foi a mesma diante do equívoco em deixar de fora a escritora que teve, nas vendas de um único livro, mais de um milhão de cópias vendidas, traduzido para 13 idiomas e distribuído em cerca de quarenta países (IPHAN, s.d.), que ainda possui em seu acervo manuscritos desconhecidos pelo grande público, constando contos, poemas, provérbios, romances e textos teatrais.

Como escritora, fato concreto e inquestionável, Carolina superou em muito o dito canônico que não a reconheceu como tal e ainda hoje reluta em fazê-lo. Ao estrear publicamente com o livro *Quarto de Despejo*, em 1960, resultado de seu diário manuscrito (temido por sua vizinhança) mexeu com as bases da construção da Literatura nacional, por isso sua obra foi um sucesso, mas não foi absorvida, talvez a palavra que se encaixe melhor seja digerida.

Ocorreu um processo de tentativa de silenciamento de Carolina e sua obra, a princípio pelo não reconhecimento do seu diário como literatura, fato que se estendeu ao longo dos anos dentre vários críticos literários e pesquisadores. Posteriormente, por impedimentos ainda não profundamente conhecidos em sua totalidade ou rompimentos na continuidade de suas publicações. Talvez as críticas desfavoráveis tecidas na época possam ser compreendidas como tentativas de apagamento de sua escrita, memória, identidade, competência e brilho próprio por meio dos estereótipos negativos que foram criados.

Por fim, subjugaram sua escrita e a consideraram menor.

Voltamos a dizer que a Literatura Canônica brasileira, realmente, nunca mais foi a mesma, porque no consciente e subconsciente de quem sabia e conhecia a sua existência Carolina nunca desapareceu, algo impossível de acontecer. Mesmo com o soterramento literário que sua obra sofreu, esta mulher negra se manteve forte, inteira, viva, e nos dias de hoje se reapresenta à sociedade brasileira e, mais uma vez, do seu próprio jeito.

Carolina rompeu com o lugar imposto à mulher negra pela sociedade, mas também não precisou estar no lugar de mulher branca, ou melhor, embranquecida, constituído por uma parcela da elite hegemônica do nosso país. Isso não quer dizer que tanto a escritora quanto a sua obra estejam em um não lugar. Isso anularia a sua existência e toda a sua produção, algo incabível de se pensar. Talvez um caminho, dentre tantos existentes, para pensar Carolina possa ser feito comparando-a com o que Dionne Brand construiu literariamente de si mesma e sobre sua escrita negra feminina. Na análise da obra de Dionne Brand (1997), a geógrafa Katherine McKittric (2006) menciona que esta autora desenvolve textos literários nos quais a sua escrita desenha mapas que ultrapassam as normas, regras, fronteiras e linhas cartográficas para formar diferentes geografias expressas por cada parte

do seu corpo negro feminino. Ainda, acrescenta sua opção por um caminho destituído de uma busca por uma nacionalidade ou de um país como território de identidade. O corpo é seu ponto de partida, sendo assim o seu lugar, ou seja, o corpo negro feminino como um lugar. Comparando com Carolina pode ser dito que ela também escreve a partir de seu corpo negro feminino, numa escrita de si sobre suas angústias, medos, pensamentos, maternidade e lugar que ocupa na sociedade. É a mulher negra submersa em diversas opressões escrevendo sobre sua essência e existência.

Ao ler e refletir sobre a obra de Carolina, percebemos que este corpo negro feminino está presente. Talvez ela não tenha pensado em se desligar de sua nacionalidade, pelo contrário; suas indagações políticas expressavam o seu desejo de inserção na sociedade, algo que lhe arrancado com tamanha violência, uma vida inteira, que nas palavras da própria Carolina são apresentados em sua poética, mas de uma dureza que certamente a feria e ainda nos fere:

> [...] Quantas coisas eu quiz fazer
> Fui tolhida pelo preconçêito
> Se eu extinguir quero renascêr
> Num país que predomina o preto.
>
> (JESUS, 1996, p. 33)

O que Carolina não imaginava é que ela já estava em um país com a segunda maior população negra no mundo fora do continente africano, estando a Nigéria em primeiro lugar. Resultado da falácia que vigorou no Brasil, dentre tantas, durante anos, de considerar essa população uma minoria, o que jamais fomos. Contudo, a inserção social desejada por Carolina não é no mundo dos brancos, nem mesmo uma destituição de sua negritude, ou incorporação ao meio embranquecido da sociedade. Ela não se imagina não negra, nem na própria vida dura que leva na favela e nem, caso existam reencarnações, em outras vidas e em outros lugares, tanto que escreve no seu diário, em 16 de junho de 1958, o seguinte: "[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. [...] Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta." (JESUS, 1960, p. 40).

Carolina estava imersa numa sociedade opressora e seu pensamento expressava resultados de violências. Violências que ao serem pensadas e focalizadas no corpo feminino de Carolina remetem-nos ao que bell hooks (1990) menciona sobre racismo e sexismo serem opressões que condicionam a existência de uma desvalorização do ser feminino na mulher negra, reduzindo-a apenas à cor da sua pele. Como não mencionar o que Lélia Gonzalez (1981, p. 2) escreve na primeira edição do *Jornal Mulherio* sobre a reflexão de que, na história brasileira, a mulher negra pode ser considerada como vítima de uma "tríplice discriminação": social, racial e sexual. Somado a isso, a violência relacionada à destituição de uma

cidadania nos lembra as palavras de Langston Hughes (1990, p. 137), pois este se afirma como negro e como cidadão americano em seu poema I, too (Eu também), ao longo de todo o seu texto, contudo mais fortemente na frase final: I, too, am American (ou seja, Eu também sou americano). Parece-nos que Carolina gritava com as palavras escritas questionando as imposições sociais e exigindo respeito quanto à sua cidadania, que não era necessariamente uma nacionalidade, mas que pode ser entendido como tal, pois se era brasileira a cidadania que reivindicava era esta e nenhuma outra.

Apesar da existência de resquícios de uma não aceitação da escritora, o que faz com que adjetivos pejorativos apareçam na fala e escrita de alguns poucos intelectuais, pesquisadores e críticos que insistem em partir de estereótipos como "vira-lata", "improvável", "exótica", "infeliz", "arrogante", entre outros, em lugar de mergulharem em sua obra literária, Carolina se tornou, por meios próprios, uma escritora cuja produção está escrita e inscrita na eternidade, sem ter precisado submeter-se ao canônico. Diante disso:

– "Muito bem, Carolina!"

E este "Muito bem, Carolina", frase repetidas vezes dita por ela, e que em forma de eco chega até os nossos ouvidos nos dias de hoje, pode ser traduzido por um:

– "Muito obrigada, Carolina!"

Agradecimento por termos acesso às suas "escrevivências", termo criado por Conceição Evaristo e que pode aqui definir as vivências, experiências, pensamentos, medos, dores, dúvidas, belezas, contradições, apreensões do mundo político, econômico e social de Carolina em uma escrita de si e a partir de, mas que por outro lado emite tantas outras vozes que foram caladas pelas opressões de uma sociedade que se ergue e se mantém imbuída por doenças sociais (racismo, misoginia, sexismo, machismo, dentre tantos ismos).

É esta mulher negra, mãe, cidadã, escritora que inspirou o Projeto Carolinas ao Vento, Centenária e Atemporal desenvolvido pelo Coletivo Carolinas de Mulheres Negras, na cidade de Salvador, Bahia.

Este projeto surge da vontade política de um grupo de mulheres negras das mais diferentes áreas de atuação que dividem uma permanente militância, e que em uma mesma direção se juntaram para a comemoração do centenário da escritora mineira Carolina Maria de Jesus, desenvolvendo várias atividades Brasil afora. O Coletivo é formado por nove mulheres de diferentes partes do país, diferentes sotaques, ideias, construções sociais, culturas, gostos, cheiros, desejos etc., mas que mantêm uma unidade, um conjunto de mentes e corpos negros femininos objetivando que o legado escrito de Carolina esteja acessível a outras

mulheres negras. Por meio das várias atividades que desenvolve no intuito de retirar esse poder-escrita de Carolina Maria de Jesus dos escombros e incentivar a formação de novos grupos de leitoras, e por acreditar na força da escrita de Carolina Maria de Jesus como um instrumento de transformação sociorracial e na qualidade literária de seus escritos.

Ainda, a força que emana de suas palavras é convertida em poder e como muitos sabem este elemento é algo muito disputado nas sociedades em geral. Na sociedade brasileira o grupo hegemônico não abre mão de dominar todos os poderes, mas, talvez, este seja um que mesmo que este grupo tente se apoderar, não lhes pertence.

Sendo assim, o objetivo do Coletivo de Mulheres Negras se converge em uma luta pelo nosso direito coletivo à memória. E reposicionar Carolina Maria de Jesus e sua obra, por nós mulheres negras na sociedade brasileira, é parte desta tarefa histórica, pois há uma simbiose entre ela e nós. Entre o que somos do ponto de vista da representação e tudo que este país, 50 anos atrás, rejeitou desta escritora.

A agenda política proposta pelo Coletivo Carolinas de Mulheres Negras no centenário do seu nascimento evidencia o poder de Carolina Maria de Jesus e o quanto ela se faz presente para além de uma lembrança, mas também por um eixo estruturante de representação da linhagem de negros e negras, que no contexto Brasileiro cavam o direito de dizer quem são e a que vieram, sem mandar recado, sem deixarem-se tutelar por chancelas, assumindo o poder pela palavra de suas próprias letras.

REFERÊNCIAS

BRAND, Dionne. *Land to Light On*. Toronto: McClelland & Stewart Inc., 1997.

IPHAN. Carolina Maria de Jesus. In: *Patrimônio: Revista Eletrônica do IPHAN.* s.d., Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=110>. Acesso em: 11 jan. 2014.

GONZALEZ, Lélia. Março: 8 e 21. In: *Jornal Mulherio.* São Paulo: Fundação Carlos Chagas/S.A *O Estado de São Paulo*, mar./abr., ano 1, n. 0, 1981.

HOOKS, Bell. *Ain´t I a woman*: black woman and feminism. 3 reprint. London: Pluto Press, 1990.

HUGHES, Langston. *Selected Poems of Langston Hughes*. New York: Vintage

Books (e-book), 1990.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: o diário de uma favelada*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

______. *Meu estranho diário*. São Paulo: Xamã, 1996.

MCKITTRICK, Katherine. *Demonic Grounds: black women and the cartographies of struggle*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

Rio de Janeiro, abril de 2014.

Geny Ferreira Guimarães *(doutoranda em Geografia/UFBA) faz parte do* ***Coletivo Carolina de Mulheres Negras****. Este Coletivo uniu mulheres negras que dividem o mesmo sentimento de ter Carolina Maria de Jesus dentro de si e como espelho. São elas: Camila de Moraes (Jornalista/graduanda em Cinema), Danielle Anatólio (Atriz/Historiadora), Denize Ribeiro (área de saúde/Educadora), Geny Ferreira Guimarães (Geógrafa/Educadora), Hildália Fernandes (Pedagoga/Educadora), Isabel Freitas (Atriz/Coringa do Teatro do oprimido), Lindinalva Barbosa (Linguista/Educadora), Vera Lopes (Atriz/Bacharel em Direito) e Vilma Reis (Socióloga/Educadora). O Coletivo Carolina de mulheres negras conta ainda com a participação das convidadas Conceição Evaristo (Escritora) e Fernanda Júlia (Diretora de Teatro). Com o projeto "Carolinas ao vento, Temporária e atemporal", essas mulheres se nutrem das palavras de Carolina por meio de encontros, mergulhos nos escritos sobre a vida e obra desta escritora. Em troca, levam suas palavras ao conhecimento de outras mulheres negras por acreditarem no direito de acesso à nossa ancestralidade e memória.*

Antes de ser mulher, é inteira poeta: Carolina e o cânone literário

Mariana Santos de Assis

Estamos vivendo um momento único em nossa história literária, momento em que grupos até então excluídos do contato com a literatura, da leitura e, principalmente, da produção literária, estão se apropriando desse espaço majoritariamente branco e altamente elitizado. Podemos dizer que esse processo tem um marco fundador, um momento altamente simbólico em que vemos a literatura negra sendo forjada no fogo e nos moldes da pobreza e abandono. Longe da academia e do cânone, é no lamaçal da favela, em um barraco de tábuas, cercada pela fome, que vemos surgir o primeiro grande sucesso dessa literatura.

Carolina Maria de Jesus nunca quis ser uma liderança política ou ativista negra, era apenas poetisa e usava a escrita para escapar de sua dura realidade, mas acabou se tornando um símbolo da luta das mulheres negras e pobres por sobrevivência, respeito e humanidade. Além disso, sua obra pode ser vista hoje como um ponto de encontro entre a literatura negra – já bastante rica nos anos 60 – e a literatura marginal/periférica que viria a surgir no final dos anos 90. Ela traduziu o debate racial que vinha sendo desenvolvido entre intelectuais, artistas e ativistas negros em todo o país para a linguagem dura de quem vive a realidade que aqueles grupos tentavam mudar.

Porém, o que pretendo discutir aqui é a Carolina poetisa, prosadora, compositora, é a dificuldade de reconhecermos os aspectos e contribuições desses artistas para a literatura nacional e não apenas para as lutas sociais dos grupos em que estão inseridos. Para tanto, entendo que a valorização desses poetas e a constatação da qualidade literária de seus textos dependem do questionamento dos interesses e valores da crítica literária para definir o cânone e aceitar ou excluir o novo.

Diante disso, nos deparamos com algumas questões fundamentais: Afinal, o que é literatura? O que aconteceria se, ao invés de perguntarmos se um poema tem valor, perguntássemos o que queremos dizer ao chamarmos um poema bom ou mal?[1] Responder a tais questões tem sido um grande desafio para a crítica literária e é a impossibilidade de oferecer uma resposta unívoca à primeira que nos obriga a refletir sobre a segunda. Nos faz pensar a literatura como o fenômeno cultural e histórico que ela é e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais[2]. Portanto, não podemos

---

1 Ver mais em EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: Um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

2 Ver mais em ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura.* São Paulo: Editora UNESP, 2006.

desconsiderar as relações de poder envolvidas nas suas definições, uma vez que o poder é exercido por diferentes grupos ao longo da história, com diferentes formações e interesses estético-políticos. O que nos leva a questionar também como avaliamos o valor literário de um texto, sua literariedade e mesmo os critérios para a definição do cânone literário.

Podemos dizer que os limites para definir o que entra no seleto grupo dos textos literários e o que vai para a vala dos comuns da escrita considerada medíocre, dos best-sellers e daqueles do gosto popular são estabelecidos, antes, por interesses ideológicos, políticos e econômicos do que pela literariedade imanente aos textos, pois esta também está submetida a outros elementos como o nome do autor, grupo social de que faz parte, interesses mercadológicos etc[3].

Diante disso, o crescimento da produção literária nas periferias das cidades brasileiras, bem como o interesse de pesquisadores de diversas áreas por esses novos poetas e prosadores negros e pobres torna ainda mais complexo esse debate. Porém, a força de nossa tradição literária preconceituosa e avessa às novas produções e, sobretudo, de grupos não hegemônicos ainda limita os estudos e os lugares destinados à produção cultural desses grupos. Prova disso é a predominância de pesquisas e projetos voltados à literatura da periferia na área das ciências sociais e não na teoria literária, como seria de se esperar.

Se entendemos que os elementos que fazem de um texto qualquer uma obra literária são internos e inseparáveis dele, por que então a crítica literária não está se debruçando sobre as obras produzidas nas periferias? Por que os pesquisadores da Teoria Literária ainda se mantêm distantes dos poemas, contos e romances escritos pelos marginalizados do Brasil e voltam-se apenas para a linguagem peculiar, o posicionamento político, a origem humilde ou marginalizada do autor etc?

As respostas a essas perguntas são tão delicadas e complexas quanto a definição de literatura, valor literário e literariedade, pois esbarram em preconceitos que tentamos mascarar com o argumento de que as oportunidades existem para todos que sabem aproveitar e que a seleção do que é bom ou ruim tem a ver apenas com a qualidade do que está sendo produzido. Tais argumentos tentam inferiorizar as culturas não hegemônicas, ao mesmo tempo em que o mercado se apropria da riqueza cultural das periferias marginalizadas.

Historicamente as classes dominantes têm grande interesse pela produção cultural da classe trabalhadora. Ao longo do processo de desenvolvimento do capitalismo, conhecer e subjugar a cultura popular serviu para "reeducar" o povo, por meio da formação de uma nova recreação, dança e música, voltadas para fortalecer a alienação do trabalho[4].

---

3 Idem.

4 Ver mais em HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e mediações culturais.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

Esse primeiro ataque à cultura popular denuncia o receio das classes dominantes de que essas produções ou a independência cultural da classe trabalhadora pudessem atrapalhar a construção das relações entre trabalhadores e patrões que, numa sociedade capitalista, é pautada pela superioridade política, econômica, social e cultural do patrão e a inferioridade ou quase incapacidade por parte da classe trabalhadora de produzir conhecimento, arte, cultura, sobretudo por sua formação defasada e poucos recursos econômicos. Fortalecer essa hierarquia cultural é fundamental, dentre outras coisas, porque a tradição popular era e continua sendo um dos principais locais de resistência a tal "reforma" do povo empreendida pela dominação[5].

É importante frisar que se trata de um espaço de resistência política, porém uma resistência por meio da arte. Logo, seus ativistas são artistas sensíveis que nos brindam a todos com muito mais do que manifestos e relatos de sua luta e resistência diárias, nos oferecem o que os poetas e artistas sempre ofereceram: beleza, deleite, estesia, enlevo, revolta, amor, ódio, horror... Enfim, nos mostram leituras únicas de uma realidade que, quando não fazemos parte – no caso das classes dominantes que se curvam aos prazeres da arte e cultura negra e periférica – torna-se uma aventura constante, repleta de sensações confusas, misto de revolta, repúdio e fascínio; e quando a vivenciamos – somos negros e periféricos – vemos nossa realidade cotidiana se pintar de cores fortes que nos motivam, orgulham e impressionam.

Tais interpretações da produção literária da periferia ainda são poucas ou quase nenhuma, nossos artistas negros e pobres ainda estão atados à prisão identitária em que o mercado editorial tenta mantê-los. A obrigatoriedade de oferecer o exotismo da pobreza, de mistificar a miséria e abandono da periferia, as agruras do racismo e a força dos homens e mulheres que "não vivem, apenas aguentam" tem sido uma arma para barrar a criatividade e diversidade da arte e cultura negra e da periferia.

Carolina Maria de Jesus é um dos exemplos mais simbólicos dessa armadilha capitalista. Conhecida mundialmente por seu diário, intitulado *Quarto de despejo: o diário de uma favelada*, Carolina foi um fenômeno do mercado editorial, seu livro foi traduzido para diversas línguas e se tornou best-seller no Brasil e no exterior. Graças a esse sucesso a favelada, negra, catadora de papel, finalmente conseguiu sair do quarto de despejo e se tornar uma ex-favelada, mas seu público não estava interessado na história de sucesso da negra da casa de alvenaria, da negra posta na sala de visitas pela porta da frente. Esta não tinha mais fome, não presenciava e vivenciava as piores facetas da miséria humana, portanto não mais se interessava em escrever sobre isso. Ao contrário, tinha tempo e saúde para refletir sobre os novos espaços em que circulava, sobre seu novo lugar social, sobre o fato de que jamais deixaria de ser uma negra favelada aos olhos de seu público, pouco interessado ou incapaz de ver a poetisa que ela sempre quis ser e

---

5 Idem.

achou que seria depois do reconhecimento mercadológico de seu diário.

E até hoje a Carolina poetisa, compositora, contista ainda está praticamente desconhecida do grande público e, mais grave do que isso, a visão única de poetisa que ela tentou nos mostrar da vida na favela, da vida dos pobres, da cultura de seu povo ainda está deturpada por interesses de mercado e pelas limitações de nossa formação cultural e intelectual para apreciar a arte. Permanecemos lendo seus textos unicamente como documentos histórico-sociológicos e negando o lugar de poetisa, tão caro a ela e a tantos poetas pobres e negros que vemos surgir diariamente nos saraus da periferia, nas publicações de selos independentes e cooperativas. Seguimos negando um lugar para ela no seleto grupo das belas letras. Com isso, perdemos a maior e mais importante contribuição da literatura: a capacidade de nos humanizar[6].

Ou seja, negar a possibilidade de ser lida como escritora e poetisa, antes de ser negra, favelada e pouco escolarizada é negar a humanidade a uma classe, a grupos oprimidos sem conta que passariam a se ver como sujeitos na literatura e não mais meros objetos para a inspiração alheia. Além disso, enquanto leitores, diminuímos absurdamente as possibilidades de fruição estética dessa rica produção literária.

Pensando nisso proponho uma análise de um texto que compõe essa importante coletânea, foge ao estilo da Carolina do *Quarto de Despejo* e nos mostra a poetisa que ela buscou ser em toda a sua vida. Trata-se do conto Onde estaes Felicidade? Nesse texto vemos o olhar apurado e sensível de quem conhece a pobreza, a miséria e a rudeza de um povo que sofre com as privações e responde à sociedade como pode ou como sabe. Mas vemos também a escritora habilidosa que sabe utilizar esse conhecimento para compor sua obra, para nos mostrar o que só seus olhos sensíveis de artista podem ver. Vemos se desenhar à nossa frente uma história de pessoas, não de pobres, não de sertanejos ignorantes, não de pessoas rudes e analfabetas, mas de pessoas, seres humanos que ganham vida em sua escrita, seus personagens criados para mostrar a beleza dos sentimentos humanos em toda sua contradição e conflitos.

A habilidade da escritora começa na escolha dos nomes de seus protagonistas, compostos por alguns dos nomes mais comuns entre os brasileiros: José e Maria, poderia ser qualquer um, poderia simbolizar o apagamento das subjetividades ou uma alegorização, mas, ao contrário, vemos cada um deles ganhar autenticidade e personalidade com o desenrolar do enredo, e pela escolha do segundo nome de cada um: dos Anjos e da Felicidade, respectivamente, fazendo com que transitem constantemente entre a alegoria e a subjetivação.

José dos Anjos apresenta uma personalidade pura, ingênua e generosa que

6 Ver mais em CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: ______. *Vários Escritos*. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004.

o identifica ainda mais com seu segundo nome, podendo nos levar a pensar em uma alegoria do sagrado religioso de fato – dos Anjos. Felicidade não sabe de si, não se dá conta de como todos vivem à sua volta, todos admiram sua beleza, ela só se percebe pelos olhos de José dos Anjos e pelas palavras tentadoras do viajante. Seria possível pensar apenas na estratégia de aproximar a felicidade de algo sagrado e a tentação surgindo para destruir a felicidade verdadeira afastando-a do sagrado e profanando-a com os bens materiais do mundo capitalista. Porém, a potência das personalidades não nos permite limitar nossa leitura apenas a essas alegorias, sobretudo de Felicidade.

O casal vive em um ranchinho de sapê, de maneira humilde como devem viver os seres sagrados e afastado dos grandes centros e tentações do mundo urbano, no meio rural, onde está a verdadeira felicidade, fantasia que povoa o imaginário dos poetas desde a Antiguidade.

Mas a tentação de ter o mundo inteiro e sua glória chegou ao recanto sagrado do amor verdadeiro e puro de José dos Anjos e Felicidade. E veio na forma de um viajante, vendedor, o símbolo máximo do capitalismo e suas demoníacas tentações. De imediato ele se encanta por Felicidade, o homem que parecia poder ter tudo, oferecer tudo, queria mais, queria a Felicidade. Aquela que, supostamente, não se compra teve um preço. A curiosidade e a vaidade turvaram os olhos castos da moça fazendo-a esquecer de seu devotado marido e, num delírio de desejos estranhos e fascinantes, forjar insanidade e abandonar seu ranchinho e seu querido José.

O viajante compromete-se a levar a Felicidade, supostamente louca, para tratar-se em um sanatório, José dos Anjos não suporta viver apartado da Felicidade e parte disposto a encontrá-la. Percorreu os sanatórios de várias cidades e em cada novo sanatório, como um desvairado fazia a pergunta fatídica "A Felicidade esta aqui?". Onde seria menos provável encontrar a felicidade que em um sanatório? Por fim, a loucura, a melancolia e a tristeza tornam-se as únicas companheiras de José dos Anjos.

Uma história tocante que mostra diversas facetas das relações humanas. Colocar a felicidade para abandonar os anjos e partir para a cidade onde ninguém a conhecia, retoma a fantasia bucólica de que a felicidade verdadeira está em ambientes rurais, na simplicidade e nas pequenas coisas. Porém, também mostra uma visão amarga do poder do dinheiro e da capacidade de consumo; mesmo a Felicidade se curva diante do poder do dinheiro, mesmo os Anjos podem ser vitimados pelo egoísmo e ganância criados pelo consumismo.

Ao contrário de Felicidade e José dos Anjos, o viajante não tem a personalidade bem definida e os conflitos e sentimentos problematizados, não conhecemos seus sentimentos e pensamentos profundos, sequer sabemos seu nome. Chamá-lo de viajante reforça ainda mais sua condição instável, volúvel e

superficial, como devem ser aqueles que só têm o dinheiro como cartão de visitas. Ao mesmo tempo, essa personalidade esvaziada reforça a beleza da humildade e simplicidade dos protagonistas.

Também podemos pensar do ponto de vista da mulher, a partir do conflito torturante que atormentava a pobre Felicidade, a bela moça que nunca se sentiu desejável até José dos Anjos abrir-lhe os olhos, e de repente ver-se linda e atraente, pintada com as cores do luxo e da vaidade, ver um mundo de possibilidades se abrindo diante de seus olhos presos aos limites de seu ranchinho, sentir seu corpo palpitar e desejar coisas que sequer sabia que existiam e ainda por cima ter um homem culto e rico a seus pés.

A tentação da felicidade plena, a possibilidade de elevar-se a níveis nunca antes pensados por ela, a possibilidade de ser mulher de uma forma que nunca imaginou tinha, porém, um preço: o sofrimento daquele que vivia para amá-la e fazê-la feliz.

Diante disso, não conseguimos julgar friamente a atitude de Felicidade. Entramos em seu conflito, partilhamos suas indagações e sofremos com sua decisão final que levou ao trágico desfecho de José dos Anjos e nos deixou com a angústia de não saber o que foi feito da Felicidade.

Para quem está na cidade grande, sabemos que por aqui ela não passou.

Assim, como vemos nesta breve análise, a pobreza do ranchinho, a ignorância de Felicidade e José dos Anjos não são o tema, não precisam ser o tema desse belo conto. O texto não é apenas um grito dos oprimidos pela pena de Carolina. Ele pode ser apenas o fruto de uma mente criativa e talentosa que nos presenteou com uma obra repleta de lirismo e beleza. Para enxergarmos isso, só precisamos nos livrar das amarras (im)postas por uma crítica literária tacanha, classista e racista e apreciar nossos artistas negros e pobres como os artistas que são.

Mariana Santos de Assis *é licenciada em Letras e Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).*

Carolina de Jesus na Cena Cultural Contemporânea

Flavia Rios

Carolina é 100. Esse foi o título do evento com que o Instituto Moreira Salles nos brindou em comemoração ao centenário de Carolina de Jesus, resgatando o documentário Favela – Das Leben in Armut (1971), dirigido por Christa Gottman-Elter, até então inédito no Brasil. Restaurado e legendado, o filme foi apresentado no Rio de Janeiro na data provável de seu aniversário, 14 de março de 2014, e é só mais uma peça descoberta (ou – por que não dizer ? –, uma relíquia) do grande quebra-cabeças em torno dos materiais legados pelo sucesso e pelo impacto dos escritos de Carolina de Jesus mundo afora, e Brasil adentro.

Com efeito, na última década, a autora do célebre livro *Quarto de Despejo* tem sido revisitada por diversos intelectuais, ativistas, artistas e produtores culturais. Para trazer à cena, cito o filme de Jeferson De, Carolina (2003), considerado o melhor curtametragem do Festival de Gramado naquele ano. O empreendimento do cineasta paulista tem dois méritos. O primeiro deles é o de colocar a memória em movimento, por meio do resgate das imagens de época, tanto de nossa personagem, quanto do Canindé, favela que deu origem ao seu primeiro diário, publicado em 1960. O segundo mérito, de apreensão não tão imediata, é o de flagrar a contemporaneidade e a poética da escritora, expressas tanto na magnífica interpretação de Zezé Motta quanto na técnica dos jogos de luz e escuridão, atravessados pela grafia gritante de Carolina inscrita na película. Essa contemporaneidade é, ademais, capturada pelo diretor no encontro profético da literatura de diários com o Hip Hop. Da estrofe do rap ao audiovisual: "Daria um filme, uma negra e uma criança nos braços, solitária na floresta de concreto e aço"[1]. Literatura, música e cinema; a criação artística e a denúncia social reencontravam-se entre o passado e o futuro em múltiplas linguagens.

A perenidade da obra de Carolina de Jesus também se faz notar nos inúmeros saraus, eventos culturais, cursos de formação, nomes de bibliotecas, palestras e minicursos produzidos em São Paulo e em outras cidades brasileiras[2]. No campo da produção cultural, destaca-se a importância de Marciano Ventura, editor engajado na propagação da literatura negra, alimentando a jovem geração interessada na obra desta mineira radicada em São Paulo e disponibilizando edições raras dos livros. É dele também a iniciativa de promover, com seus parceiros, no centro e na periferia, eventos comemorativos ao cinquentenário de *Quarto de despejo* (2010) e ao centenário da autora (2014), ocupando, assim, diversos espaços públicos: bibliotecas, centros culturais, cursinhos comunitários

---

1 Estrofe do rap Negro Drama, de Edy Rock/Mano Brown, do disco Nada como um dia após o outro (2002).

2 Devo destacar aqui os minicursos ministrados por Jackeline Romio (Unicamp), Edilza Sotero (USP) e por mim, em Goiás (2008); São Paulo (2009-2010); Rio de Janeiro (2010), entre outras cidades.

e universidades.

De fato, todas as gerações de leitores de Carolina de Jesus se envolveram tanto com o *Diário* como com sua biografia. Na sua recepção atual, digno de destaque é o trabalho realizado por Allan da Rosa, com interpretação da poeta Maria Tereza, num documentário radiofônico embalado pela capoeiragem rítmica de sua produtora e pela intensidade interpretativa da autora de *Negrices em Flor*, livro este onde encontramos um poema em homenagem a Carolina Maria de Jesus, com um título homônimo:

> Comprei um sapato lindo número trinta e nove sendo que calço número quarenta e dois. Andei muito a pé, adoentei-me. Pra acalmar os pés e não repetir esse ato insano fiz uma salmoura de água quente e ensinei crianças e adolescentes que não se vende o próprio sonho.
>
> (Maria Tereza, 2007, p. 25).

Acentuo nesse efervescente meio cultural a marca dos escritos carolinianos, ou seja, seu impacto sobre a geração que adentrou no século XXI reivindicando para si a escrita da periferia. Dito nesses termos, a literatura periférica toma Carolina de Jesus como a sua genuína herança literária. Não por acaso, o livro *Da Cabula*, com ilustrações do artista plástico Marcelo De Salete, recria Carolina na personagem de Filomena. De autoria de Allan da Rosa, a peça dramatúrgica tem como personagem central uma empregada doméstica que vive numa grande cidade, que, como bem interpretou Conceição Evaristo, poderia ser qualquer metrópole brasileira. Em meio ao sono – a fadiga do dia de trabalho, no trajeto em ônibus apertado na volta para casa – e à insistência em lidar com a língua escrita, são revelados dilemas da protagonista. Eles bem poderiam ser os mesmos enfrentados por Carolina de Jesus, seja na sua experiência com a produção textual, seja na recepção crítica de sua obra. Nas letras de Allan da Rosa (2006, p. 31), o problema da forma aparece em humor ácido:

> E essas regras humilhando?... Vou entender nunca... Só serve para arrochar com a cabeça da gente. Se escrevo ´as faca´, não tá na cara que é mais de uma faca? Já tô falando "as". Mas não, tem que meter um S lá no fim da outra palavra, obrigação de complicar. E as letra? Tem cada praga indecisa: já viu o H? Tem vez que silencia fica ali só de enfeite. Outra hora vem e chia. Depois chega rouca. Dobra a língua. Vich... Nem comento do J e do G, do X e do C... Vou tentar não passar do chão da linha, não tremer o lápis.

O dilema formal encarnado na personagem Filomena da Cabula faz remissão direta aos problemas com a língua portuguesa devidos à baixa escolaridade de Carolina de Jesus, que fez apenas dois anos do antigo primário. Paradoxalmente, isso seria um dos principais atestados da autenticidade de sua obra, quando da polêmica sobre a relação dela com Audálio Dantas, o então jovem jornalista responsável pela publicação de *Quarto de Despejo*, realizada pela prestigiosa Livraria Francisco Alves.

Sem perder o fio da meada, sublinho ainda a relevância do papel da museologia para deixar vivo o patrimônio literário que Carolina nos legou. Nesse sentido, o Museu Afro-Brasil, ao manter a exposição permanente sobre sua vida e obra, bem como a exibição da recepção internacional de seus livros e a conservação de parte dos manuscritos, atende ao espírito republicano de deixar as memórias e os documentos para consulta pública. Nesse sentido, o mesmo espírito que orienta o referido museu também é encontrado na Biblioteca Municipal de Sacramento, cidade natal de Carolina, bem como na Biblioteca Nacional, onde outros manuscritos da autora encontram-se disponíveis para pesquisa. Carolina de Jesus é, assim, patrimônio cultural do Brasil.

Se a preservação e a recriação dos escritos de Carolina se fizeram representar no museu, nas bibliotecas, nos eventos culturais, cinema, literatura, também o teatro encenou-a. Numa leitura pós-dramática, a Companhia teatral Os Crespos – composta por ex-alunos da Escola Dramática de Artes, Lucélia Sérgio, Sidney Santiago, Mawusi Tulani, Joyce Barbosa e Gal Quaresma – estreou *Ensaio sobre Carolina* em 2007, arrancando humor, beleza e sátira de sua obra máxima[3]. Sob a direção de José Fernando de Azevedo, *Quarto de Despejo*, metáfora caroliniana para favela, é palco para os dilemas afetivos, amorosos, políticos e sociais. Se a personagem central de Diário é a fome – como chamou a atenção o poeta Oswaldo de Camargo em evento do centenário da autora –, a Companhia Os Crespos subverte a protagonista e sabota a orientação do jornalista Audálio Dantas que preferiu, em seu prefácio à primeira edição do livro, dar ênfase ao realismo do texto em oposição à sua dimensão literária. Na nova dramaturgia, não há lugar para uma Carolina apenas. Ela é múltipla. E o que é melhor: a dramaturgia deu margem para o horizonte ficcional do Diário. Carolina, então, não é só autora, mas também personagem de sua própria obra: sua humanidade antagoniza a fome.

Passados mais de cinquenta anos da publicação do seu primeiro diário, a crítica contemporânea já pode se perguntar: o que faz de Carolina de Jesus uma autora clássica?

Seu maior sucesso, *Quarto de Despejo*, foi lançado em 1960, recebeu oito

---

3 Ressalte-se que Carolina de Jesus teve em vida a oportunidade de ver sua obra virar peça de teatro em 1961, quando Ruth de Souza a interpretou na montagem dirigida por Almir Haddad.

edições, vendendo mais de 70 mil exemplares. Num período curto, o livro ganhou o mundo e foi traduzido para treze idiomas. Contente com o sucesso inesperado, Carolina também publicou *Casa de alvenaria* (1961), *Provérbios* (s/d) e *Pedaços da fome* (1963). Suas demais obras foram publicações póstumas. Primeiramente, o *Diário de Bitita* (1986), que trouxe ao público seu apelido de infância, organizado por jornalistas da França que editaram seus escritos memorialistas, publicando-os originalmente em língua francesa e só posteriormente em português. Anos depois, seus poemas foram reunidos numa Antologia Pessoal, organizada por Meihy e Levine, o primeiro também organizador de *Meu Estranho Diário* (1996a), composto por fragmentos dos manuscritos. Com isso encerrava-se um ciclo de produção voltada para divulgação das letras e reflexões desconcertantes da escritora brasileira.

Os referidos autores, aliás, há muitos anos estudiosos dessa matéria, já tinham nos brindado com o livro *Cinderela Negra* (1994), leitura obrigatória tanto para os interessados em questões metodológicas sobre a história oral, quanto para os curiosos da biografia e das condições de produção intelectual da autora. Essa empreitada acadêmica e editorial de tornar pública a produção e a biografia de Carolina de Jesus foi decisiva para que as novas gerações pudessem ter acesso às informações e à complexidade da escritora.

Desde então, sua vida e obra têm sido sistematicamente revisitadas pela academia e por intelectuais que aceitaram o desafio de escrever sua trajetória e rever seus diários[4]. Notável nesse sentido é o trabalho de Joel Rufino, espécie de acerto de contas entre a sua geração ligada à esquerda e "uma escritora improvável", esta estranhamente incompreendida por aqueles que estavam preocupados – naquele tempo – com a revolução brasileira. Destarte, Rufino aventa hipótese sobre o impacto do golpe militar na recepção da autora, causando interrupção no debate público sobre traumas complexos do Brasil moderno.

Para nossa geração, ficou o desafio de interpretar – nas diversas acepções desse vocábulo – as contradições de Carolina, em sua forma própria de olhar o mundo e de enfrentar a sociedade e seus valores, e, sobretudo, o seu lirismo. A obra de Carolina de Jesus permanece porque ainda comove. Mas, acima de tudo, podemos dizer que se trata de uma grande escritora, pois ela conseguiu transcender a sua realidade, construindo interpretação sensível do mundo, assim como o fizera Anne Frank relatando em seu diário de adolescente o terror da segunda guerra e a experiência do holocausto[5]. Ambas testemunharam o indizível e desenharam, em letras, um retrato avesso de nossa modernidade.

Assim, só é possível dizer que Carolina é 100 porque a boa literatura é aquela que carrega as contradições de seu tempo, atinge públicos diversos e ainda

---

4 Outra biografia é a de Eliana Castro e Marília Machado: *Muito bem, Carolina.* Belo Horizonte: C/Arte, 2007.
5 Ver *O Diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

atravessa gerações, inspirando-as a ir mais longe[6].

REFERÊNCIAS

JESUS, Carolina. *Quarto de Despejo:* São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

______. *Casa de alvenaria.* São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

______. *Pedaços da fome.* São Paulo: Editora Áquila Ltda, 1963.

______. *Provérbios.* São Paulo: s/editora, s/d.

______. *Diário de Bitita.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

______. *Meu estranho diário.* São Paulo: Xamã, 1996a.

______. *Antologia pessoal.* Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996b.

MEIHY, J. C. S. B & Levine, R. M. *Cinderela Negra.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

ROSA, Allan. *Da Cabula*. São Paulo: Edições Toró, 2006.

6 Nesse sentido, digna de nota é a conferência da poetisa Mirian Alves, "Eu sou Carolina", no centenário da autora.

Flavia Rios *é socióloga. Atualmente, faz doutorado na Universidade de São Paulo (USP), com bolsa FAPESP. Além disso, escreveu, em coautoria com Alex Ratts,* Lélia Gonzalez, *livro editado pela Summus/Selo Negro, 2010. O presente texto foi lido no evento "Prazer em (Re) Co-nhecer: sou Carolina!", referente ao ano do centenário da escritora. Esse debate foi realizado na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, em São Paulo, no dia 22 de março de 2014.*

Arquivando Carolina...

Sergio da Silva Barcellos

O retorno aos manuscritos e aos cadernos autógrafos de Carolina Maria de Jesus, neste ano de seu centenário de nascimento, desencadeou uma profusão de imagens e ideias. Algumas delas serão de grande auxílio na reflexão da importância da organização do acervo documental dessa escritora singular.

"Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la", nos adverte o poeta Antonio Cícero. E os cadernos de Carolina estiveram guardados – mas não escondidos a ponto de não serem encontrados – até meados dos anos 1990, quando os pesquisadores Robert M. Levine e José Carlos Sebe Bom Meihy trouxeram-nos à tona. "Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por / admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado." O poeta explica. E foi o que, em partes, ocorreu, a partir da redescoberta de Carolina por Levine e Meihy. Redescoberta, sim, pois ela havia já sido descoberta, em 1958, pelo "repórter", como a própria se referia a Audálio Dantas. A partir da redescoberta, muito se falou de Carolina, frequentemente os olhares fixaram-se em sua biografia, a admiração por ela ressurgiu, mas não se pode dizer que Carolina foi iluminada ou iluminou aqueles que por ela se encantaram, nos anos seguintes a sua redescoberta.

E por quê?

Primeiro, porque Carolina foi objeto do ventriloquismo de uma onda crítico-teórica. Teve sua figura tomada de empréstimo para exemplificar o corpus de um novo discurso. Tida como periférica – logo ela, que entrava e saia dos diversos "núcleos", estando sempre lá onde queria estar -, seu não pertencimento foi confundido com um pertencimento de que a própria Carolina duvidava, quando dizia ter alma aristocrática e utilizar uma linguagem "clássica". Assim, Carolina estava sendo reenviada, por essa nova onda crítico-teórica, às margens de onde tanto lutara para sair. E de onde saiu, efetivamente, porque, de outra maneira, como explicar o sucesso de seus diários traduzidos em mais de vinte línguas?

Segundo, porque não se buscou a totalidade de sua voz, dentro do cofre onde estava guardada, mas não trancada, mas não inacessível. Nessas últimas décadas em que se ouviu com mais frequência o nome e as palavras de Carolina, foi somente uma parcela ínfima, porém de valor inquestionável, o que se ouviu. Exatamente a parte publicada, aquela que tornou Carolina famosa e, no final, causou-lhe tamanho sofrimento. Um ano antes de sua morte, a escritora se refere

a *Quarto de Despejo*, o “livro”[1], em uma carta, como “o quarto do diabo”. O “livro” – que se tornou gigantesco e engoliu Carolina – ofuscou paradoxalmente um projeto literário. O “livro” que era o projeto não somente dela, mas de muitos outros. Um projeto concluído, como afirmou Audálio Dantas, no prefácio de *Casa de Alvenaria*, e, uma vez mais, em ocasião da morte de Carolina:

> Agora que você está na “sala-de-visitas” e continua a contribuir com este novo livro, com o qual pode dar por encerrada a sua missão. Conserve aquela humildade, ou melhor, recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade. Guarde aquelas “poesias”, aqueles “contos” e aqueles “romances” que você escreveu.[2]

Eis aqui a recomendação: guardar! Mas o conselho do “repórter” pode ser comparado ao conselho do “poeta”? Para este “Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela, / isto é, estar por ela ou ser por ela”. Através da exploração meticulosa do acervo documental de Carolina Maria de Jesus, vemos que há uma diferença entre um e outro significado do verbo guardar. E ela vigiou, fez vigília, velou e manteve-se desperta e esteve para e foi pela sua Literatura. O repórter, nesse mesmo texto, de 1977, em que retoma o conselho dado em 1961, admite que Carolina era dona de uma personalidade forte... tão forte a ponto de não aceitar certos palpites, “como os meus”, confessa. Isto porque Carolina antecipou-se e seguiu o conselho que o poeta Antonio Cícero ainda não havia articulado e, felizmente, ignorou aquele dado pelo “repórter”.

Não saberia dizer se as caixas onde Carolina guardou seus cadernos poderiam ser chamadas de baús ou de arcas, mas a plasticidade dessas palavras evoca aquilo a que elas se prestam. Longe de serem sepulturas de vestígios do passado, são recipientes de tesouros, protegendo-os e conservando-os – velando por eles. Como aquela construída por Noé para salvar os animais da extinção, imposta por um criador insatisfeito com a criatura. A arca, porém, evoca mais do que o texto bíblico. Remete-nos ao sentido da palavra “arquivo”, que vem do grego arkheîon: o começo e o controle, o local onde se abrigavam os documentos jurídicos, públicos, e seus protetores, os magistrados, os arcontes. Um local e um conceito. Uma moradia e abrigo, mas também um repositório e cofre.

---

1 Convém distinguir, aqui, à qual manifestação o título Quarto de Despejo se refere. Se à peça teatral, ao disco ou ao “livro”. Destaco este último, distinguindo-o dos outros, porque sua força real e simbólica na vida da escritora foi ambígua, redentora e destruidora. E também porque um diário publicado, transformado em livro, deixa de ser diário. E se torna livro, com toda a ambiguidade permitida, para o bem e para o mal.
2 DANTAS, Audálio. “Audálio: Carolina não quis parar!”. Símbolo, São Paulo, Maio de 1977.

O acervo documental de Carolina Maria de Jesus é composto por umas dezenas de cadernos manuscritos, algumas páginas datilografadas, algumas fotografias, alguns objetos. Esses cadernos e objetos não estão sob um mesmo teto, mas esparsos, sob diversos tetos em pontos geográficos distintos. Ainda assim, constituem um arquivo, pois são resultado de atividades humanas, provenientes de um sujeito a que se costuma chamar, na terminologia dos arquivos, de "produtor". Entretanto e acima de tudo, trata-se de arquivo, esse repositório abstrato, essa arca onde estiveram guardados e preservados os escritos de Carolina, porque apresentam características próprias de documentos que constituem arquivos: autenticidade, imparcialidade, organicidade, naturalidade e unicidade. O mais emblemático local onde se podem verificar, reunidas, essas características, é o Arquivo Público Municipal Cassimiro de Araújo Brunswik, em Sacramento, Minas Gerais. Não somente por se tratar da cidade natal de Carolina, mas por ter sido, no passado, o edifício onde hoje funciona o arquivo público, uma cadeia. Talvez, a cadeia onde Carolina e sua mãe estiveram detidas por cinco dias. E onde hoje se encontram trinta e quatro cadernos autógrafos, contendo os contos, os romances, os provérbios, as peças teatrais e as histórias curtas, tudo e um pouco mais do que aquilo que o "repórter" sugeriu que Carolina guardasse.

O significado do "guardar" que se depreende do exame meticuloso desses cadernos nos desvia um pouco do caminho sugerido pelo "repórter". Em primeiro lugar, o manusear esses documentos, essas páginas contendo a caligrafia inconfundível de Carolina é, de certa forma, prestar-lhe uma homenagem: "Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro/Do que um pássaro sem voos." Outra vez, Antonio Cícero. A "poetisa" possuía um projeto literário. E esse projeto se desvela facilmente através de uma leitura semiótica daqueles signos ali reunidos, ou, como queria Derrida, ali consignados, pois:

> Por consignação não entendemos apenas, no sentido corrente desta palavra, o fato de designar uma residência ou confiar, pondo em reserva, em um lugar e sobre um suporte, mas o ato de consignar reunindo os signos. [...] A consignação tende a coordenar um único corpus em um sistema ou uma sincronia na qual todos os elementos articulam a unidade de uma configuração ideal.
> (DERRIDA, 2001, p. 14).[3]

Derrida ainda adverte que num arquivo não deve haver uma dissociação radical. Um arquivo não deve refletir heterogeneidade ou hermetismo, mas reunião. E é da reunião que se observa nesse arquivo, a partir dos cadernos de Carolina, que surge a noção mesma de uma obra literária que necessita ser atribuída a essa

---

3 DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo – Uma impressão Freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

escritora. Os voos de Carolina, que tanto e tantos quiseram substituir por uma Carolina "pássaro sem voos". Sua resistência nos favorece, hoje, quando perfilamos os cadernos, exploramos seu imaginário e percebemos que há ali uma obra.

Teria sido sua obra ou seu projeto literário apreendidos diferentemente, tivessem os leitores acesso a um romance como *O Escravo*? Ou *Rita*, ou, ainda, *Doutor Fausto*? Pensamos que ainda não foram elaboradas abordagens críticas capazes de lidar com os textos que constituem o arquivo de Carolina Maria de Jesus. E também porque ainda se insiste em investigar o "livro" – sem nem ao menos cotejá-lo com os cadernos que lhe serviram de matriz. Extrair do "livro" uma Carolina que foi renegada pela de "carne e osso". Lembraram-lhe que a fama tem um preço. E foi Ruth de Sousa, a Carolina do palco, quem publicamente explicou à Carolina da vida como funciona o mecanismo da fama:

> Lembre-se Dona Carolina Maria de Jesus: Não se recebe nada sem dar alguma coisa em troca. A fome que você tinha lhe dava a liberdade total de ser favelada. Realizado o seu sonhado sonho de muitos anos, de sair da favela, ver seu livro publicado (que lhe deu um sucesso inesperado), você assumiu obrigações, para com seu público, seu descobridor, seu editor, e ainda, o mais importante, seus filhos. [...] O sucesso exige sacrifícios e muita paciência. É claro que a realização de um ideal escraviza. As mais famosas criaturas do mundo, negros e brancos, têm a mesma escravidão que a sua. Mas elas não reclamam. [4]

A chave, então, para a manutenção da fama seria a submissão às engrenagens da fama. Paradoxalmente, ao dar voz a uma realidade miserável, Carolina fez-se notada. E querem, queria Ruth de Sousa, então, que Carolina se calasse para manter o seu status quo. Mas que status era aquele exatamente? Sim, Carolina deveria ter seguido o mesmo conselho dado a outra mulher e artista, pela sua mãe: "You can help yourself, but don't take too much". "Sirva-se, mas não abuse", respondeu a mãe de Billie Holiday, dona de um restaurante comprado com o dinheiro do sucesso de Billie, ao pedido de ajuda financeira feito pela filha. Caberia, na obra literária de Carolina Maria de Jesus, que hoje vemos guardada em Sacramento, no Rio de Janeiro e em São Paulo, conformar-se à essa condição? Teria sido melhor não reclamar e guardar, no sentido de ocultar e interditar, o que hoje compõe o acervo documental de Carolina? Não. E urge analisar a obra literária de Carolina Maria de Jesus, ouvir sua voz em sua totalidade, examiná-la para que se compreenda quem foi essa escritora – vira-latas ou improvável!, não importa – para além da imagem plasmada através do "livro" que tanto a popularizou.

---

4 SOUSA, Ruth de. "O Que Fez o Cartaz à Carolina". Coluna "Vejo, ouço e... conto". Jornal Última Hora, São Paulo, 13/11/1961.

Só será possível fazer isso, ou seja, descobrir Carolina, de uma vez por todas, debruçando-nos sobre sua obra literária, buscando instrumentos capazes de compreendê-la e não somente tentar circunscrevê-las, escritora e sua obra, dentro dos limites de noção hegemônica de literatura – ou do senso comum de submissão à ordem. Só será possível se guardarmos Carolina, no sentido que o poeta sugere:

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar. [5]

---

5 Este poema foi extraído do livro *Guardar - Poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 337.

Sergio da Silva Barcellos *é Pós-doutor em Estudos de Escritas de Vida pela Hofstra University e Doutor pela PUC/Rio de Janeiro. Atualmente desenvolve um projeto de catalogação dos manuscritos de Carolina Maria de Jesus pela FUNARTE.*

Um diálogo com Carolina Maria de Jesus

Fernanda Matos

Saraus, Projeto Cine Viela e biblioteca comunitária com o seu nome.

Mestrado no Chile, literatura marginal, feminina, negra, Carolina.

Jesus, o mesmo sobrenome da minha família materna, da minha mãe, figura de admiração e semelhança com a sua história de luta, sofrimento, de coragem.

Medo, rejeição, medo, insegurança, medo, isto não é literatura, isto não é literatura Fernanda. Peraê, mas o que é literatura então? Se não dialoga com a vida, com o ser humano, se não é esta que fica no tempo e no espaço? O que é literatura então? Ok, então, a qual gênero textual pertence? O que são os gêneros? Quem os determina e legitima? Por quê?

Pode ser testemunho, autobiografia, mas não é literatura. Ok, não importa como o definam, é sobre este mesmo que quero e vou trabalhar...

É literatura profe, é Carodivina. De vida. De Carolina Maria de Jesus. Nunca ouviu falar dela?

Estas ideias soltas definem, grosso modo, meus primeiros contatos com a sua obra, Carolina, e a resistência que enfrento para poder analisá-la. Afinal, falar sobre oprimido como você fez, e nas suas condições de mulher, negra e pobre, causou e tem causado impacto; muito mais do que você imagina. O que cumpre a sua vontade quando dizia que as suas letras jamais seriam apagadas. Nunca foram, nunca serão.

Sua literatura é tão viva, é tão contemporânea, tão impactante, é um tapa na cara constante do nosso comodismo. Fique tranquila, pois você ainda tem tirado muita gente da sua zona de conforto. Da minha então, nem se fala...

Neste diálogo contigo vou mencionar algumas polêmicas que envolvem a sua obra, dialogando com a minha experiência em relação a elas. São apenas reflexões um tanto vagas, minha intenção aqui não é aprofundá-las, nem seria possível. Quem sabe possa ir ao encontro de algum semelhante que também está lutando para se encontrar, se posicionar no mundo.

Bom, vamos lá. Primeiramente, comentemos o que se refere à definição do gênero textual e às características dos seus livros.

Por que essa mania de etiquetar tudo né? Tenho uma sensação ambígua a respeito. Se você não dá nome às coisas elas parecem não existir ou, na homogeneidade de outras afins, perdem o seu valor peculiar. Por outro lado, enquadrar muito um gênero, um estilo, não seria minimizar o seu potencial literário?

Quando digo isso, penso nos conceitos e discussões sobre literatura afro-americana, afro-brasileira, africana, marginal, de testemunho, memorialística e tantos outros términos que por aí surgem, nos quais a inclusão dos seus textos são polêmicas e variadas, dependendo de QUEM os legitima. Como sempre...

No mais, sua obra sempre causou, e causa, sensações de estranhamento e admiração em relação ao desconhecido.

Sim, o desconhecido. Este que é uma ameaça aos padrões preestabelecidos. Questionamentos de literatura e gêneros textuais, linguagens e recursos textuais adotados não são bem-vindos quando não estão pré-legitimados por alguém, e você sabe bem o que isso representa, pois lutou contra um mercado literário ideológico que se recusava a inseri-la nos seus circuitos intelectuais. E não podia ser diferente, não é mesmo? Você representava uma ameaça ao poder político. Desta forma, alguém editava e publicava para você, organizando as ideias e projetando-a no mercado editorial, mas quiseram manipulá-la como um ventríloquo, e você mesma disse que se recusava a isso.

O que poucos reconhecem desse feito é que esta intervenção extraliterária acontecia de maneira controlada, ou seja, seus editores não escreviam para você ou recopilavam o que diziam. Digo isso, porque, conversando um dia com uma das maiores pesquisadoras sobre o gênero testemunho na América Latina, Elzbieta Sklodowska, ela comentava que você era a primeira mulher a escrever testemunho de autoria própria neste continente, o que me surpreendeu muito porque os nomes mais destacados deste gênero são da guatemalteca Rigoberta Menchú, em um primeiro momento, e a boliviana Diomitila Chungara, mas os casos delas são bem diferentes do seu porque foram recopilados e editados; daí o seu pioneirismo.

Sobre este ponto, eu penso duas coisas. A primeira, em relação ao gênero textual que escrevia, considerações à parte sobre a interferência dos editores e centrando-me nas narrativas de algumas obras suas. *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita* apresentam uma diversidade de gêneros textuais que ultrapassam os limites estabelecidos para a autobiografia, o diário ou o testemunho, principalmente no que se refere à identidade do autor-personagem, à denúncia e linguagem visceral dos escritos e à busca de legitimação autoral.

Sobre este tema me respaldo em teóricos como Philippe Lejeune e John Beverley, para não dizer que não falei de teoria, né Carol? Você sabe bem como se autolegitimar, e ainda que muitos acreditem que é produto da sua inocência e falta de consciência crítica, a bajulação e posicionamentos contraditórios em relação a ideologias sociopolíticas não foram mais que estratégias de afirmação e sobrevivência. Dessa forma, como admiradora sua e com a necessidade de afirmar-me aqui também como afrodescendente, oriunda da favela e mulher, eu não poderia deixar de me apropriar dessa estratégia sua.

O segundo ponto é sobre a recepção da sua literatura no Brasil. Além das sensações de estranhamento e admiração causadas, há uma tendência em esgotá-la na academia e apagá-la nos meios públicos. Explico-me. Ao decidir pesquisar sobre você, notei uma gama muito variada de estudos que circulavam nos meios acadêmicos. No entanto, nenhum dos meus amigos (considerando que sou da periferia de São Paulo e que tenho contatos com pessoas de variados graus de instrução), a conheciam, sequer tinham ideia do que foi a riqueza das suas peripécias literárias. Contraditório, não?

Para a primeira mulher negra, pobre e com pouca instrução que dedicou sua vida aos filhos e as letras? Isto, porque nem menciono a Maria Firmina dos Reis com a magnífica obra Úrsula, esta, ainda menos conhecida. É que acerca dos malefícios da modernidade, tão pulsantes e latentes, é você mesma.

Parece que estavam todos muito ocupados em continuar reproduzindo o olhar e a influência estrangeira, branca, de boa situação econômica e alto nível de escolaridade.

Mas..., Fernanda..., muitos autores retrataram a figura do oprimido, seja do sertanejo, do negro, da mulher etc. Ok, obras louváveis, referências sempre, mas, terão o mesmo olhar aquele que fala sobre a fome e aquele que passa fome? Você já bem o disse, quando afirmava que somente aquele que conhece a fome poderia descrevê-la.

Bom, também não posso deixar de mencionar o surgimento de movimentos periféricos literários que a resgataram (e foi através de um deles que a conheci, não por meio da faculdade de letras); as iniciativas de organizar antologias de escritores afrodescendentes, os inúmeros grupos de pesquisa... O gigante está acordando e precisamos levá-lo para passear por todos os cantinhos do mundo, principalmente, do nosso Brasil, e me refiro às inúmeras Carolinas e Carolinos que estão produzindo arte por aí. Bora expor, dialogar, criticar o que foi e está sendo feito. Daí a importância de iniciativas como esta aqui.

O terceiro, e não menos importante ponto, é sobre o objeto de estudo que, com muito sacrifício, estou analisando no mestrado. *Diário de Bitita* e as representações do sujeito feminino negro.

Primeiramente, breves considerações sobre o motivo da escolha de *Diário de Bitita*. Notei que esta obra não havia sido tão analisada como as demais e que por muitas vezes fora minimizada em razão de questionamentos sobre veracidade e interferências das editoras, duas jornalistas francesas. Ora, quem acompanhou a sua história, leu os seus livros e críticas, pode perceber o quanto você se preocupou em aperfeiçoar a sua escrita, o quanto amava as letras, os livros, a criação literária.

Considero *Diário de Bitita* a obra que revela a verdadeira face da escritora Carolina Maria de Jesus. Que na busca pela paz, vencida pelo cansaço para conseguir tranquilidade e afirmar-se como escritora, com a tristeza de ver-se novamente pobre, lança a sua última cartada de permanência no circuito literário: a sua autobiografia.

Este texto nos entrega um sujeito feminino todo especial que procura destacar a sua capacidade intelectual, que se sobressai do resto. Vejamos uma possível categoria de interpretação sobre a menina Bitita e a adulta Carolina de Jesus.

Ainda que Bitita seja você conversando conosco, explicando como nasceu essa fome insaciável pelo saber e legitimando seu talento literário pela linhagem genealógica do bohemismo do pai e do socratismo africano do avô; ela ganha vida e se desprende do seu relato atuando como um ser cuja capacidade crítica e consciência étnica e social são espantosas. Isso a faz desejar ardentemente ser homem, representado na linguagem pueril de passar por debaixo do arco-íris. Ah, de infantil Bitita não tinha nada, né Carol? Era só um jogo de linguagem para que pensássemos que fosse uma criança, mas nenhuma criança faria as analogias que Bitita fazia; você a resgatou aí dentro e se apropriou dela para falar o que queria, já que se recusavam a te escutar.

O que me chama atenção é a vontade enorme de ser homem. Ora, ser homem era (?) sinal de supremacia, e se fosse branco, ainda melhor, pois como condição para a dupla exclusão, ser mulher já envolvia um histórico de luta pela conquista por acesso aos espaços públicos. Ser mulher negra, ainda pior, pois enquanto as feministas brancas gritavam por independência, estas continuavam em regimes de "escravidão" sexual, abuso da força de trabalho, sendo inferiorizadas e interiorizando estereótipos e preconceitos de toda espécie.

Bitita, então, teve que se conformar com o que era, uma criança negra e pobre, o que não a impedia de crescer confrontando aos homens, questionando a sua falsa superioridade, apresentando o seu grupo familiar e denunciando as relações entre opressor e oprimido nos âmbitos de gênero, raça e classe social. No entanto, quando na escola a chamam pelo seu verdadeiro nome, Carolina Maria de Jesus, há um momento epifânico dos mais belos, estilo Clarice Lispector, que marca a transição para a fase adulta.

Na fase adulta, você teve que abandonar a escola e, com muita dor, abandona os livros, o seu maior tesouro. Tem que deixar a sua cidadezinha de Sacramento para "ganhar a vida", se é que isso representa as doenças, a exploração de trabalho e as humilhações pelas quais teve que passar. Já é um pouco da Carolina de *Quarto de Despejo*; crescer significou trabalhar duro e sofrer como cão, por isso é que você morreu na infância escondidinha no seu sítio em Parelheiros, resgatando suas memórias, sozinha com as suas lembranças. Ali, mesmo sendo tachada de feia, louca e atrevida, tinha o colo da mamãe, os ensinamentos do vovô, as comidas gostosas das dindas.

Ainda há muito por discutir aí, por reivindicar teorias – e/ou valorização das já existentes – que enfoquem o sujeito feminino negro no Brasil. Ainda estou te descobrindo e adoro pensar que sempre me traz algo novo.

E é encorajada pela tua ousadia que me permiti neologismos, este pseudoensaio, sem referências, nem mil citações e notas de rodapé –, pois eu já tenho que fazer tudo isso para poder jogar o jogo das academias e ter um lugarzinho ao sol; mas você bem sabe que a resistência é forte e falar de mulher e negra não é muito bem visto em determinadas circunstâncias.

De qualquer forma, é um prazer conversar contigo, sempre, afinal, me apego a você e a todas as referências de bravas mulheres que a tua literatura me despertou, a começar pela minha mãe, Elisete Oliveira de Jesus, essa sempre foi e nunca deixará de ser.

Espero que o teu grito também possa ecoar e guiar outras pessoas, a outras mulheres que estão em busca constante de autoconhecimento, orientação e projeção no mundo. Viver é isso aí, e que lindo é.

Que o sol, o astro rei como você dizia, venha brilhar para todas, e que possamos socializar ideias e produzir nossas artes e encontrar um lugar em que possamos florescer como disse a feminista negra Audre Lorde.

Um axé, um salve e viva a sua literatura e todas as mulheres guerreiras que na labuta diária marcam existência!

***Fernanda Oliveira Matos** é brasileira e morou na Zona Sul de São Paulo. Atualmente é mestranda em Literatura na* Universidad de Chile *e se dedica aos estudos sobre gênero, raça e classe social nos textos literários.*

Escritora Carolina Maria de Jesus. A Fala do seu lugar de brasileira, mulher, negra.

Miriam Alves

Carolina Maria de Jesus representa, representou e ainda irá representar por muito tempo dentro da literatura brasileira, por mais que o cânone literário a negue, enquanto escritora. Uma vida complexa e tensa como só o pode ser a vida de uma mulher negra nascida em 1914, no dia 14 de março, na cidade rural de Sacramento, Minas Gerais. Estudou por dois anos, as primeiras letras, como diziam, interrompeu os estudos porque foi obrigada a migrar com a mãe para outras cidades, na luta pela sobrevivência. Vagou, segundo suas anotações em diários, por algumas cidades do interior de São Paulo, até que, por fim migrou para a capital paulista (1947).

Inquieta e questionadora, Carolina não se adaptou às exigências do emprego doméstico, no qual as relações de trabalho se assemelhavam ao extinto regime escravista. Acabou morando na Capital , na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, uma das favelas que surgiam com o processo de modernização e progresso da cidade de São Paulo, onde, como consequência, a população preta, pobre e migrante iria morar em habitações precárias aglomeradas em locais inóspitos, sem infraestrutura. Ela buscava e retirava do lixo – sua fonte de renda e o sustento dos três filhos – aquilo que a cidade desprezava.

Carolina perambulava pela cidade e observava: luzes, casas, flores, pessoas e avenidas, atrativos urbanos que contrastavam com sua realidade vivencial. À noite, em seu barraco, onde se apinhavam além da miséria, papéis e livros nos quais, entre o ronco da fome, os pedidos dos filhos e os burburinhos da vizinhança, tão esquecida e desprezada como ela, extraía a matéria-prima para a sua escrita, para o seu sonho de se tornar escritora, mais precisamente poetisa e abandonar aquela vida de precariedade.

Ela arquitetava outra vida para si e para os filhos. Escrevia constantemente e procurava jornais e editoras para publicar seu trabalho, como relata no seu diário. Obviamente, não conseguiu sucesso nesta investida, pois não logrou credibilidade ao mostrar seus manuscritos registrados em papéis reutilizáveis, numa grafia e gramática que denunciavam os seus poucos anos de estudos formais, que não coadunavam com uma arte elitista como é a literatura escrita. Insistentemente, ela escrevia o seu dia-a-dia, repórter de si mesma e da cidade que, olhada pelo ângulo dos à margem do rio Tietê não conseguia ostentar nem o glamour, nem a ilusão de um progresso igualitário.

O que muitos chamam de coincidência é, na verdade, intencionalidade por parte de Carolina, que mostrava seus escritos aos profissionais do serviço

social e a religiosos que iam prestar assistência aos favelados. Em 1958, Carolina Maria de Jesus mostrou seus escritos a Audálio Dantas, um jovem repórter da Folha da Noite, designado para fazer uma matéria sobre a favela do Canindé. Impressionado com os manuscritos de Carolina, Audálio editou algumas páginas e as intitulou *Quarto de Despejo* – diário de uma favelada. O livro, publicado em agosto de 1960, com uma tiragem inicial de dez mil exemplares, foi recorde de vendas, foi traduzido para treze idiomas e tornou-se um best-seller no Brasil, na América do Norte e na Europa.

Carolina de Jesus logrou realizar os seus dois intentos. Tornou-se escritora e, no mesmo ano da publicação de seu livro (1960), mudou-se da favela do Canindé para uma "casa de alvenaria" comprada com a venda de *Quarto de Despejo*. Nesse período, recebe várias homenagens nacionais e internacionais, e viaja por diversos estados do Brasil e outros países. Se fosse um filme, a vida de Carolina Maria de Jesus poderia terminar aqui, com legendas e final feliz.

Morando na casa de alvenaria, o sonho de moradia da agora escritora Carolina se concretizava, ao mesmo tempo em que era pressionada pela editora para escrever um segundo livro. Ela escreve *Casa de Alvenaria* (1961) com a mesma estrutura de diário. No entanto, o livro não alcança o mesmo desempenho de vendas de *Quarto de Despejo*. Os escritos da De Jesus, agora, eram oriundos da observação feita através da janela da casa de alvenaria. Carolina passou a frequentar o mundo que, ainda na favela, ela via e almejava: "o outro lado da ponte".

Para uma mulher negra com escolaridade incompleta, "houve uma mudança de lugar físico, mas não do local social de onde De Jesus fala, em relação à sociedade[1]" Na cidade que ela vislumbrava como um passageiro que não podia descer do veículo, andar e adentrar seus espaços, agora era convidada para coquetéis, almoços e jantares – como, por exemplo, na casa da família Suplicy –, participava das conversas e percebia como seus moradores entendiam o *Quarto de Despejo*, que esta mesma cidade gerava. E, em *Casa de Alvenaria*, ela questionou, com a crueza poética do relato, as desigualdades sociais a partir da sala de visitas onde passara a transitar.

Com o lançamento do primeiro livro, ela foi tratada com exotismo, o surpreendente "uma favelada semianalfabeta" que escreveu um livro. "A estranha", da qual se esperava, talvez, uma postura entre gratidão e a "originalidade" do local de onde saiu. Originalidade cobrada pelas críticas desfechadas sem piedade contra o livro.

A literatura levou Carolina de Jesus a lugares que, talvez, jamais tivesse imaginado, o que poderia se dizer do inferno ao céu. No entanto, também, a expôs

---

1 SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A Descoberta do insólito, literatura negra e literatura periférica no Brasil* (1960-2000). p. 415.

a cobranças às quais escritores que ousam colocar o dedo nas feridas a partir da arte de escrever são submetidos. Ela deve ter sofrido muito a ponto de dizer que não escreveria mais porque os filhos não queriam. Deve ter sofrido muito mesmo, por escrever, e por não escrever. Seus livros inspiram muitos leitores e escritores no Brasil e no mundo afora. Porém, a rejeição dos cânones literários, do mundo intelectual, tanto negro quanto branco, ainda a coloca no lugar de estranha e faz pairar no ar as perguntas: Como pode? Como pôde?

Na trajetória de Carolina Maria de Jesus, eu me inspiro e me reconheço no papel de "a estranha", que, segundo Mário Augusto Medeiros da Silva, em *A Descoberta do Insólito*, é próprio de todos os escritores, mas que, na condição de escritores negros, potencializa-se devido às abordagens temáticas e à ousadia de serem escritores. E as perguntas: como pode? como pôde? continuam adicionadas às cobranças de abordar outros temas que não sejam aqueles que a nossa escrita escolhe.

Miriam Alves *é escritora. poeta e ensaísta. Participou de várias antologias nacionais e internacionais. Fez parte do* Grupo Quilombhoje *e participa da série* Cadernos Negros. *Publicou os livros de poemas:* Momentos de Busca *(1983) e* Estrelas no dedo *(1985), além de ensaios e dramaturgia. O livro mais recente de Miriam Alves é* Mulher Mat(r)iz *(2011, contos), publicado pela Nandyala Ed.*

Carta para Carolina Maria de Jesus

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

Salvador, 14 de março de 2014.

Venerada Carolina Maria de Jesus,

Bom dia, amada senhora! Escrevo-lhe esta carta neste dia tão importante, para parabenizá-la pelo seu centenário e retribuir um pouco do muito oferecido por você. Ficou um tanto longa, eu sei, mas faça a leitura da mesma quando puder, sem pressa para finalizar. Realize a seu tempo e da forma mais confortável e tranquila possível.

Como tem passado, amiga tão querida? Sei que, apesar do lugar muito aprazível onde está (pelo menos são as poucas informações que chegam até aqui sobre o mesmo), você, permita-me tratá-la assim, não anda satisfeita com o que pode ter conhecimento nesse outro plano. Sou portadora, nesta comunicação, de boas e más notícias. Quais as que prefere receber primeiro? Não que eu guarde esperanças de que você não saiba o que passo a relatar a partir de então.

Passado um século do seu nascimento, não creio que descanse em paz, infelizmente. Não sei notícias sobre seu filho José Carlos. João José, seu mais velho, sei que faleceu. Vera Eunice é lembrada por alguns (uns, sérios, outros, nem tanto). Não encontro notícias sobre seus netos: Ricardo, Luciana, Marisa, Paulo César, Adriana, Lilian, Eliane, Elisa, Ana, Jackson e Rafael. Fiquei sabendo a respeito deles na dedicatória existente no seu livro mais conhecido, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Por aqui pelo nordeste, notícias suas não costumam chegar, mesmo em tempos que se dizem e se desejam globais. Quase nada se fala por aqui sobre você, querida, infelizmente. Até mesmo as suas obras são muito difíceis de achar ainda hoje. Mas, em compensação, há muito, não ouvia falar tanto de você como neste ano, em que completaria 100 anos (não vou dizer se viva estivesse, uma vez que creio na continuação da sua energia, amiga tão

querida). Envio essas mal traçadas linhas, constituídas de indignadas indagações sobre sua trajetória, suas andanças, produções e legados deixados à sua família e que, novamente, as "aves de rapina", como você mesma nominava todos aqueles oportunistas, não deixam chegar a quem, por direito, deveria.

Carolina desejaria muito partilhar com você somente as boas notícias, compartilhar o quanto tem sido grande a procura das suas obras pelas gerações mais novas, com um genuíno interesse de aprender, com as suas negras escritas, sobre as artes de vencer mesmo em contextos mais do que adversos. É meu desejo, também, falar sobre os desdobramentos da sua escrita, mesmo sabendo que você os acompanha atentamente os desdobramentos e alcances do legado deixado por você, pois creio que a vida não acaba aqui e que vive em suas obras e para além delas.

Diria mais, penso que você traga a condição de Ìyetùndè, que é aquela que retorna. Espero e anseio por isso. No entanto, gostaria de lhe dizer, mesmo ciente que você observa a caminhada de muitas das nossas irmãs e se regozija com as nossas vitórias, que muitas são as mulheres negras que seguem as estradas desenhadas inicialmente por você, querida amiga. Muitas têm escrito com dignidade, (re) significando para dignificar a nossa existência aqui no àiyé, no plano material. A lista é enorme, graças a Olórun. Dentre elas, podemos citar: Conceição Evaristo, Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Fátima Trinchão, Lia Vieira, Geni Guimarães, Cristiane sobral, Cidinha da Silva, Nilma Lino Gomes, Mel Adún, Lívia Natália, Rita Santana, Urânia Muzanzu, Edileuza Penha, Florentina Souza, Ana Rita Santiago e Cristian Sales, dentre outras tantas. Todas continuam o trabalho arduamente iniciado por você, venerável ancestral. Até mesmo eu, muito recentemente, iniciei o caminho por essa seara difícil, que é o de ouvir, arquivar e propagar nossas negras memórias, para que gritemos ao mundo sobre os nossos negros mundos, tão cheios de sabedoria e de ensinamentos, no mais das vezes, de ordem ancestral.

Narrar. Eis o duro e árduo ofício que escolhemos (será mesmo que escolhemos?), iniciado por você e perpetuado por essa forte e determinada rede formada por mulheres negras. Seria uma continuação da reunião ocorrida em solo africano, quando as ìyagba, nossas mães ancestrais, decidiram se unir, para acumular força e energia contra o poder falocêntrico, já tão impregnado naquelas épocas imemoriais? Seria uma (re) atualização do que, outrora, em terras nigerianas, se denominou de Gèlèdè, que tinha como patronas as Ìyaa Mi, as Senhoras Donas do Pássaro? Penso que muitos dos nossos traços de garra,

teimosia, perseverança (sobretudo ira, por que não?) sejam advindos destas, e como elas nos proporcionam poderes imensuráveis e nos fazem acreditar que podemos sempre ir mais além e seguir adiante, rumo à emancipação individual, levando-nos, também (e inevitavelmente), à emancipação coletiva.

Narrar: esta foi a sua missão, cumprida com toda a dignidade e teimosia que lhe eram tão peculiares. Obrigada, irmã, pelo espelho que se tornou para todas nós, que procuramos seguir pela mata apontada por você, precursora em tais caminhos. Narrar para: (sobre) viver; para que os dias passem; para procurar entender; para se (re) fazer; para aceitar – como se possível fosse; para se fortalecer e tentar seguir adiante. Esperando o fim? Não. Construindo um futuro.

Escrever era tudo que lhe restara Carolina, para que não lhe arrancassem de vez a dignidade duramente assegurada. Entre uma dor e outra, você corria para o papel para eternizar a sua história, mas que era de tantas outras das nossas também. Uma contadora de histórias reais, vividas e experienciadas diariamente, na linda e sofrida pele preta. Na pauta dos dias e no conteúdo dessas pretas letras, sob folhas em branco, registrava ressentimentos os mais diversos, traumas, dores, amores não correspondidos, a dureza dos dias, demandas de todas as ordens, a falta de dinheiro para impor respeito, a sua condição de humana mulher negra, consegue recordar amiga? Narrava a agonia de não poder oferecer condições mínimas à sua prole. Projetava um futuro diferente, desenhando-o no papel, para que ele ganhasse força e se tornasse real. Você nunca desistiu. Sempre acreditou na sina de ser uma escritora. Sentenciava sobre isso em muitos dos seus textos. Sabia-se e concebia-se escritora.

Posso ouvir os ecos dos seus escritos no primeiro diário publicado. Penso que seja importante reproduzir alguns trechos aqui, minha mais velha, nessa nossa comunicação de ordem tão íntima, visto que se trata de uma carta, mas que não há garantia de onde ela vá parar amanhã, não é mesmo? Quanto mais nos tempos atuais, nos quais o privado e o público são separados por linhas tão tênues, tão frágeis e tão próximas... Acredito que seja interessante registrar trechos da sua primeira e mais conhecida obra, sobretudo, para que as novas gerações, tão interessadas nas suas escritas, possam conhecer um pouco mais do seu rico, diversificado e complexo acervo, amiga. Prometo que os reproduzirei aqui, conforme constam nos originais, pelo menos daqueles a que tivemos condições de realizar a leitura, para que futuros leitores sintam-se incitados a realizar a leitura da sua linda e necessária obra. Permite que assim seja?

Espero que você e todas (os) as (os) que, depois, vierem a ter acesso leiam tais trechos, como quem ouve assobios lançados ao vento, de forma leve, suave, ainda que, muitas vezes, muito mais pareça com o ruído de uma trovoada, por que não? O vento parece traduzir perfeitamente a sua energia, ora brisa, ora furacão, mas sempre vento.

Permita-me, amiga, alinhavar a nossa comunicação com a explicitação de algumas das suas falas magistrais, até mesmo para que eu possa provar ao nosso leitor virtual e real que, ainda que a admire infinitamente, o que torno público aqui ultrapassa, e muito, a admiração pela escritora. Ainda que seja um texto com um forte, inevitável e desejoso tom emocional, com as passagens selecionadas, espero explicitar características suas que gostaria de ter lido em muitos das escritas sobre a sua pessoa, aos quais tenho acesso ao longo desses anos de estudo sobre a sua escrita e sobre você.

Sobre a sua escrita, venho relembrar os seguintes trechos: o primeiro a ser relatado aqui nessa carta, escrito em 22 de maio de 1958, "Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado"; o segundo, em 29 de maio de 1958, "Há de existir alguem que lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as miserias são reais"; o terceiro, em 1 de junho de 1958, "Não tenho força física, mas as minhas palavras ferem mais do que espada. E as feridas são incicatrisaveis".

Você resistiu. Escreveu. Eternizou-se no papel e em nossas memórias. Mostrou-nos caminhos, saídas, nunca atalhos – uma vez que esses não costumam funcionar para nós, mulheres negras desfavorecidas economicamente, quer tenhamos estudo ou não. Obrigada pela teimosia, pela persistência, pela representação tão digna da nossa condição de humanas mulheres negras.

Hoje, mais especificamente no ano em que se "comemora" o seu centenário, você volta a ser, tal qual outrora, objeto de estudo para tantos não negros. Você continua sendo pensada por eles, bem como a sua vasta obra, sempre a partir da ênfase ao depreciativo. Adjetivos como "escritora da miséria", "memorialista do lixo", "voz enunciativa favelada", dentre tantas outras, são atualizadas, mas a

intenção permanece a mesma, a de confiná-la na favela da qual, mesmo tendo se mudado, permaneceu engessada no imaginário daqueles que não conseguem nem desejam concebê-la como aquela que conseguiu driblar todas as inúmeras adversidades e produziu um acervo que, mesmo hoje, com toda a facilidade advinda das altas tecnologias, não permite que um escritor tenha fôlego e vontade para produzir tanto quanto você o fez.

O seu ato de escrever era diário e compulsivo.Você contava o mundo tal qual o via, despedaçando-se, sobretudo o seu e dos seus iguais. Tantos dos seus, que são nossos, vivendo em condições desumanas! Era preciso narrar. Narrar para sobreviver, para testemunhar, para publicizar continuadas atrocidades perpetradas contra o nosso povo de pele preta e negra alma. Sim, temos alma sim, Igreja católica. Não somos e nunca fomos peça, mercadoria, coisa. Foram os coloniza-DORES que, assim, impuseram a nossa existência ao mundo. Mas, você, mais do que ninguém, sabe que nunca nos submetemos ao jugo, à subordinação, não é, Carolina?

Escrever para (re) construir-se dia após dia: "Todos os dias escrevo". Era a sentença proferida por você, nobre guerreira, talvez, na tentativa de que a sentença ecoasse e para que você não fraquejasse e não desistisse. Tinha, ainda, muito e tanto a nos dizer. Eternizar as nossas histórias e memórias no papel para que elas ganhassem o mundo e tornasse pública a miséria, o sobejo, os restos e sobras destinados ao nosso povo negro, mas a nossa capacidade, também, de superar os inúmeros e diversificados obstáculos.

O que não pode deixar de ser contado hoje e precisa ser feito por nós, que viemos a partir da porta arrombada por você, Carolina Maria de Jesus, são seus feitos e não os seus possíveis defeitos, visto que você era humana. Torna-se imprescindível, também, procurar, problematizar e publicizar adjetivos que revelam o menosprezo à sua pessoa e à sua rica obra, ininterruptamente, jogados ao vento. Estes voltam, são devolvidos por esse mesmo vento que os leva, junto com as suas negras escritas, para terras distantes e, por lá, são tão bem acolhidos, recebidos e lidos, a exemplo da recepção de suas obras em outros países.

Aqui, registro também o seu domínio sobre o que se passava no Brasil e no mundo, sobretudo no plano político: em 15 de maio de 1958, escreveu "Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de

jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos"; em 19 de maio de 1958, bradou em letras pretas "O que o senhor Juscelino tem de aprovável é a voz. Parece um sabiá e a sua voz é agradável aos ouvidos. E agora, o sabiá está residindo na gaiola de ouro que é o Catête. Cuidado sabiá, para não perder esta gaiola, porque os gatos quando estão com fome contempla as aves nas gaiolas. E os favelados são os gatos. Tem fome"; "Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo"; "E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!".

Mesmo tendo somente a antiga segunda série, dona uma caligrafia caprichada, e uma sagacidade e ironia a toda prova, seguia você, desbravando, com toda a valentia que lhe era peculiar, os dias que passavam corridos e cheios de adversidades. Momentos de sossego e de merecido descanso eram irreais para você a nossa heroína e, ainda assim, nunca deixou de acreditar que chegaria a concretizar o destino que desenhou para si e para os seus.

Dividia os afazeres domésticos e de garantia da sobrevivência com a leitura e a escrita. Conhecia os grandes das letras de sua época e de outros tempos que a antecediam. Como? De que maneira se dava o acesso a tais autores e obras? Que momento do dia você tinha para lê-los e guardá-los em sua privilegiada mente, conhecer e propagar ideias deles e de os seus pensamentos, a ponto de reproduzi-los até mesmo no formato poético, dentre outros tantos produzidos por você?

Uma veia para comentários que beiravam o domínio do marxismo, tamanha a lucidez de leitura do contexto sócio-histórico desfavorecido que vivenciava, mas que avançavam para muito além do que um economista de origem europeia poderia prever. Uma consciência e lucidez do quanto era explorada. Uma mãe teimosa que não abria mão de dar aos filhos o que estivesse ao seu alcance. Mesmo que o único presente possível para a filha caçula fosse encontrado no lixo, um par de sapatos para Vera Eunice, esse era devidamente limpo e engraxado antes de ser entregue.

Bela, vaidosa, cheia de si, sempre cuidadosa com a aparência, as poucas imagens fotográficas que chegam até nós, hoje, revelam tais cuidados, você não se deixava levar por nenhum "perna de calça", como nomeiam as nossas mensageiras,

que encontrasse pelo caminho. Orgulho poderia ser o seu sobrenome. Não se rendia à força e à presença masculina que, no mais das vezes, deseja impor a sua vontade sobre as demais. Talvez, preferisse continuar só, conforme narrou em 2 de junho de 1958: "O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal".

Você manifestou, repetidamente, o não render-se à exploração masculina em troca de um pouco de comida. Tudo isso a fazia uma mulher sempre muito à frente do seu tempo, como ilustram as passagens a seguir: em 18 de julho de 1955, "Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. Não casei e não estou descontente"; em 19 de julho de 1955, "Há mulheres que os espôsos adoece e elas no penado da enfermidade mantem o lar. Os espôsos quando vê as esposas manter o lar, não saram nunca"; em 21 de julho de 1955, "Não tenho marido, e nem quero! Uma senhora que estava me olhando escrever despediu-se. Pensei: talvez ela não tenha apreciado a minha resposta".

Você não maldizia a sua tez negra nem o seu cabelo crespo, muito pelo contrário, orgulhava-se, enaltecia a sua estética herdada dos africanos: em 16 de junho de 1958, eternizou o seu orgulho em "Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Êles respondia-me: – É pena você ser preta. Esquecendo êles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reincarnações, eu quero voltar sempre preta".

Nutria a crença de que venceria, tanto quanto a sagacidade de se saber roubada. Você mantinha a teimosia em continuar narrando. Narrava para abrir os caminhos, para não sucumbir. Hoje, as "aves de rapina" continuam rondando o que restou do seu cadáver, o corpo que a terra já deu conta, porque todo o mais vive, ressoa, vibra, segue, propaga-se, sobretudo, com o auxílio indispensável do vento. Os usurpadores de ontem e os descendentes dos mesmos continuam no desespero de se apropriar do que restou para sua família do seu legado. De que valeu escrever tantos cadernos inéditos, se a sua herança não é usufruída pelos seus? Tudo bem, trata-se de um acervo inestimável ao nosso povo negro, mas sua família, de fato e de direito, goza deles no plano material? Você nos ensina e nos

representa com maestria, mas e seus desejos de não deixar seus filhos passarem pelos mesmos dificultosos caminhos, percorridos com tanto sofrimento por você, querida mais velha? Tão sábia e tão resistente!

Você continua sendo estudada na Academia, mas só para uso interno. Poucos são os que a alcançam e a respeitam. Poucos, muito poucos, infelizmente. Tão poucos conseguem e desejam alcançar tal nobreza. Este não é nem esta para todos. Ainda bem, não? Mínima e fragilmente assegurada estará a apropriação de sua rica sabedoria por parte das "aves de rapina".

Desejo que você, momentaneamente de passagem pelo òrun – lugar reservado a poucos, só aos que têm merecimento para tal – consiga ter um descanso digno. Aproveite para se revigorar, amiga e daí nos emane força para continuarmos. Desejo que retorne logo, ou no tempo previsto, para prosseguir em sua missão, dessa vez, de maneira menos penosa e pesada. Não que muitas coisas tenham mudado por aqui. Mas você desbravou inúmeras fendas e possibilidades com sua escrita primeira.

Aprendi que, no "espaço celestial", o tempo é espiralado, entretanto, mesmo de posse de tal informação e conhecimento, quase consigo visualizá-la com a cabeça e o ìrun todo branquinho, cheia de ideias, a pele já toda enrugada, revelando as marcas do tempo sobre a mesma, o qual lhe trouxe ainda mais sabedoria.

Você nunca parou de escrever e, ainda assim, partiu para o òrun asfixiada, sem ar. Entupida de dizer? Provavelmente. Dizem que o corpo somatiza o que a mente produz. Faltou fôlego, não foi mesmo, minha mais velha? Asfixiaram-lhe. Faltou ar para encarar, com tanta ousadia, interruptas dificuldades. Você foi usurpada. Viu o seu projeto de escrever dar certo, mas não conseguiu garantir o tão desejado futuro para seus filhos, que, hoje, veem-se na sina da mãe, novamente secados, dissecados, violentados, devassados em suas intimidades e memórias.

Sim, Carolina, "SOMOS TODAS CAROLINAS", um coletivo de mulheres negras, com um projeto intitulado Carolinas ao vento, centenária e atemporal. E

é desse lugar de poder que ouso convocar as minhas irmãs, originárias da mesma fértil barriga, que precisamos tomar novamente a caneta para falarmos com propriedade, respeito e dignidade, para que jovem senhora, que foi embora do plano físico tão cedo, sinta-se contemplada. Só nós poderemos fazer isto: levar adiante a missão iniciada por você, nossa mais velha, mestra na arte de contar histórias do cotidiano, histórias tão próximas às vividas por nós também.

Para (re) lembrar tudo de negativo que, historicamente, tem sido escrito sobre você, adorável irmã, não são necessários reforços. Há muito o que dizer e escrever sobre a Carolina, mulher negra e orgulhosa do que é, suas proezas, suas artes de ginga, suas superações, positivizar o que os não negros fazem questão de não contar. Penso que deva ser iniciada por aí a nossa jornada como perpetuadoras do que você nos legou.

Sempre que penso em você, Carolina, sinto a sua forte e doce presença. Como isso me apazigua e me engrandece! É como se você estivesse contemplando e abençoando o trabalho. É novamente Conceição Evaristo – outra mais velha nossa, que muito nos dignifica nas letras pretas – que vai afirmar que, para falarmos e tratarmos de você, venerada mulher, faz-se necessário, acima de tudo, fazer com reverência e muito respeito, pedir a sua permissão para tanto, sobretudo, pela espoliação que fizeram com o seu legado e o muito sofrido por você a partir de então. Toda vez que leio algo seu ou vejo uma imagem sua, sinto a sua forte presença abençoando o estudo, a busca por saber quem foi essa mulher-GÊNIO. Gosto de senti-la abençoando a caminhada. Gosto muitíssimo de sentir a sua presença-benção. E é com a sua permissão e autorização que procuro seguir adiante na senda escancarada por você, tão combativa e incansável. Que orgulho tenho eu de ter tido uma ancestral tão digna e cheia de garra! Gosto de sentir a sua presença que parece chegar com o vento que pela janela adentra. Este parece ser o seu elemento, tal qual a Mulher Búfalo, dada a sua determinação e seu poder de transmutar-se, superar-se diante da vida. Se você, que tinha tudo para nem tentar, teimou e foi adiante, não seremos nós, juntas, que desistiremos ou deixaremos novamente nas mãos das "aves de rapina", o contar sobre a nossa mestra maior.

Mas, infelizmente não consigo vê-la serena, tranquila, usufruindo da paz e descanso que o lugar deveria lhe proporcionar merecidamente. Você parece tensa, ainda a labutar com a vida, que momentaneamente neste plano, não lhe pertence mais. Parece, ainda, brigar com o àiyé que quase tudo lhe negou.

Sigamos, irmãs. Nossa mais velha, Carolina, espera que assim procedamos. Levamos o nome dela no vento. Voemos, pois, junto com ela! Narrar Carolina, eis o desafio, espalhar seu nome ao vento...

Despeço-me, momentaneamente, de você, Carolina Maria de Jesus, com mais um dos seus ricos ensinamentos, tão lúcidos, tão atuais, mesmo passadas algumas décadas desde a sua escrita primeira: em 9 de agosto de 1958, legou-nos que "A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. Ou ainda quando, tão profética e lucidamente, afirmou em 20 de maio de 1958: "Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido".

Mesmo tendo muito que dizer ainda, para que você não se canse com a leitura desta carta, que já se tornou extensa por demais, fico por aqui, amada mais velha. Sei que nos encontraremos em breve, de uma maneira ou de outra e que você permanece em cada uma de nós mulheres negras.

Da sua mais nova, para sempre sua admiradora,

Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro

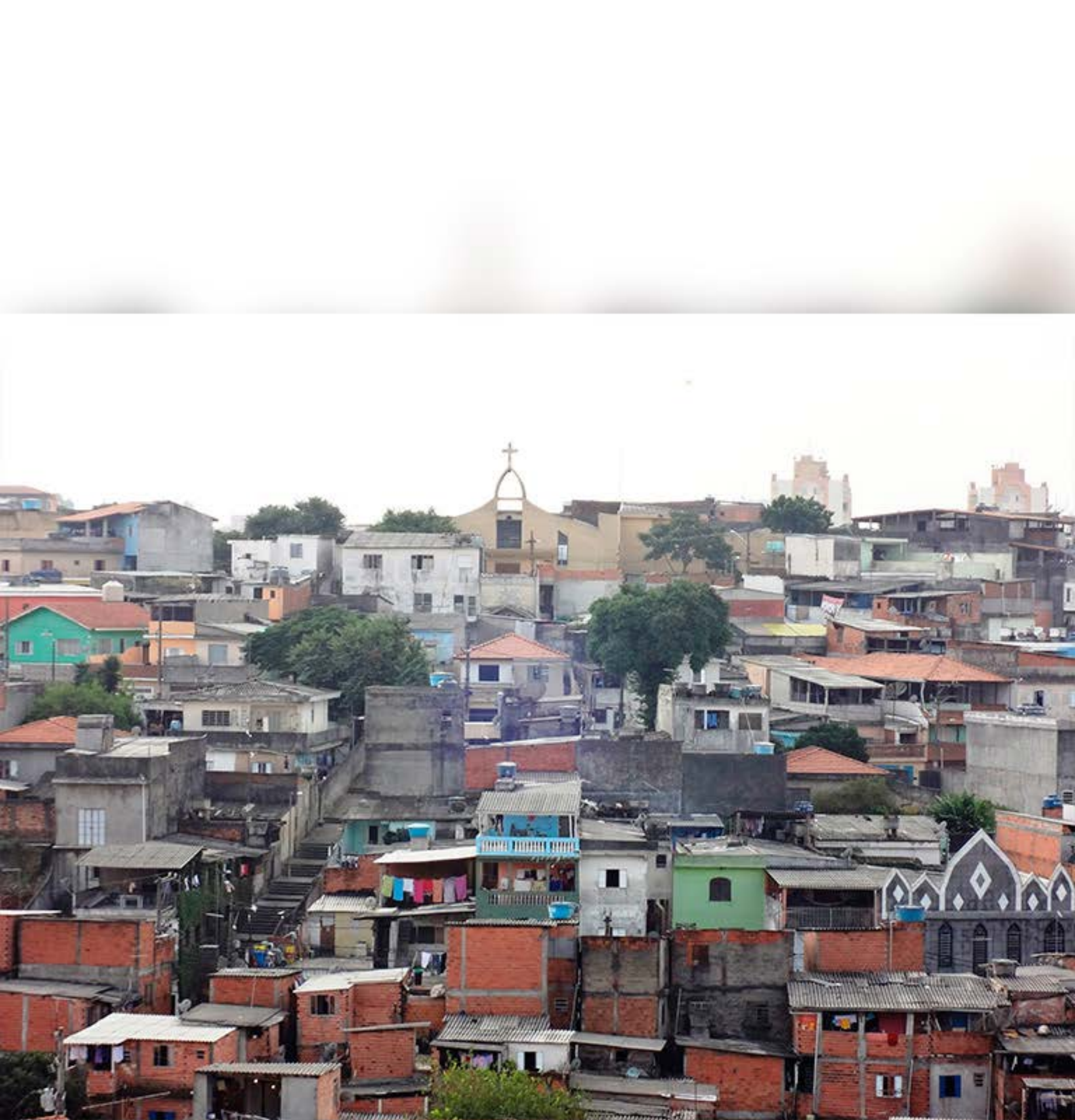
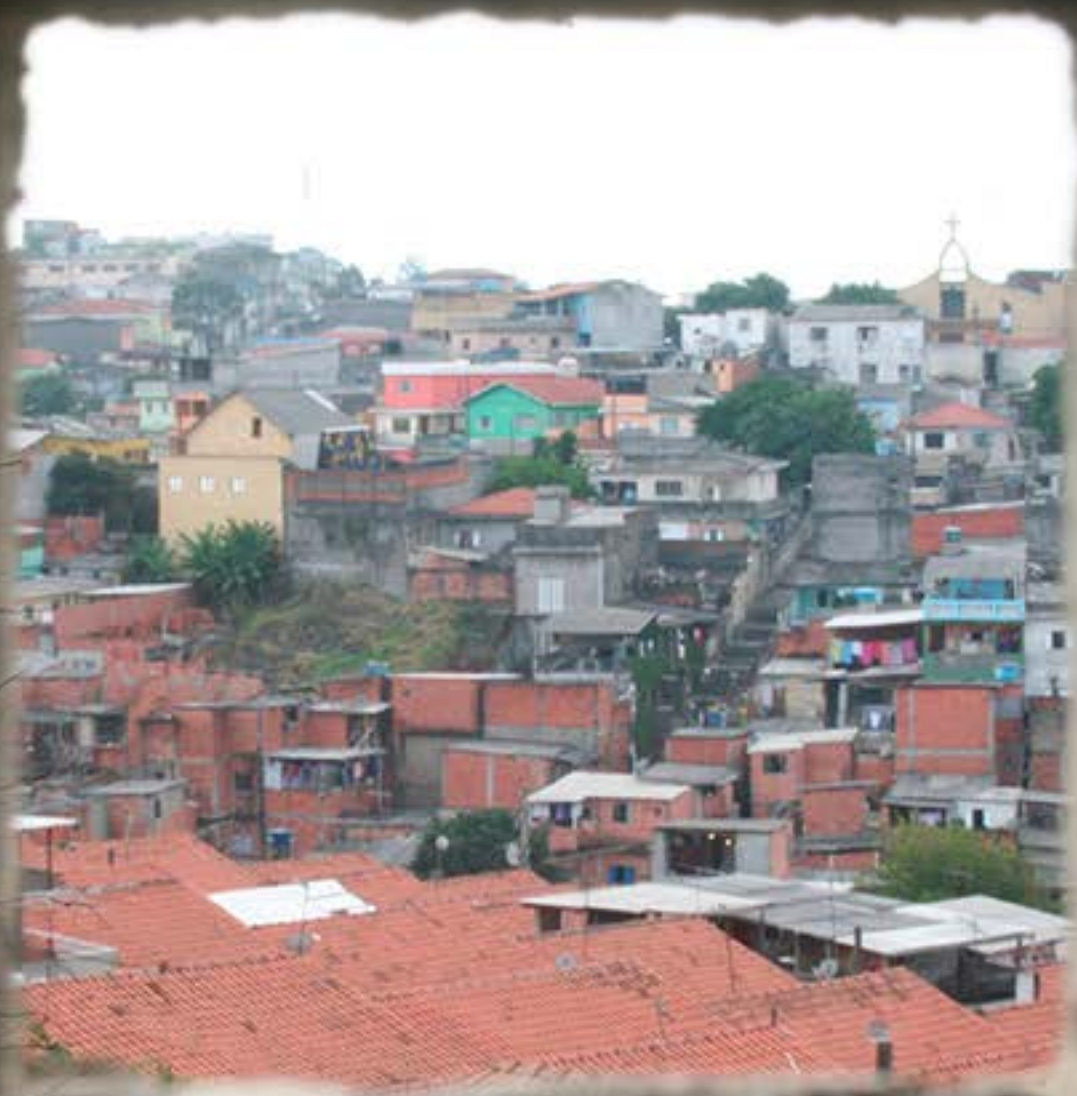
***Hildalia Fernandes Cunha Cordeiro** é mestre em Educação e Contemporaneidade pelo PPGEduc/UNEB desde 2012. É aprendiz de contista. Tem um conto publicado nos Cadernos Negros 36 e ficou em segundo lugar no concurso da Universidade Federal do Recôncavo. É especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Fundação Visconde de Cairu (2009); especialista em Linguística Textual pelo CEPOM (1995) e especialista em Consciência e Educação pelo ISEO (2009). Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Católica do Salvador (1993). Pesquisa sobre movimentos negros juvenis, em especial o Hip-Hop, narrativas de professoras negras; cabelo como símbolo identitário e escrita feminina negra. É Erva Doce na família Abadá Capoeira e mãe de Cauê, sua maior obra.*

FAVELA 2014

Sandrinha Alberti

Fotógrafa, formada em História pela UNIFAI e integrante da Rede Poder e Revolução

Jardim São Savério e Parque Bristol

São Paulo, 2014

Via
Via
01 09 2011

MANUSCRITOS

Favela

Era o fim do 1948. surgio o dono do terreno da Rua Antonio de Barros onde estava localizado a favela. Os donos exiguiram e apelaram queria o terreno vago no proso de 60 dias. Os favelados agitaram-se. Não tinham dinheiro Os que podiam sair ou comprar terreno sairam. Mas, era a minoria que estava em condições de sair. A maioria não tinha recursos. Estavam todos apreensivos. Os policiaes percorria a favela insistindo com os favelados para sair. E quem pode lutar com a dona lei?
Uns chorava outros lamentavam. So se ouvia dizer o que será de nós? São paulo modernisava-se. Estava destruindo as casas antigas para construir arranha céus. Não havia mais porões para o ploletario. Os favelados falavam, e pensavam. e vice versa.
Ate que alguem sugerio. — Vamos falar com o Dr Adhemar de Barros. — Ele, é um bom homem. E a D. Leonor, é uma santa mulher. tem bom coração. Tem dó dos pobres.
O Dr Adhemar de Barros, não sabe dizer não a pobrêza êle é um enviado de Deus. Tenho certêza que se nos for-nos falar com o Dr. Adhemar de Barros, êle soluciona o nosso poblema. E assim os favelados acalmaram. e dormiram tranquilo.
Ainda não tinham ido falar com o Dr Adhemar de Barros mas confiava nêste grande homem. Reuniram e foram. E foram bem recebidos pelo o dr. Adhemar que não fa-lação. E abria as portas do palacio pa

Onde estaes felicidade?

X (Êste conto - ótimo pela simplicidade)

Não êxiste nêste mundo, quem não
acalenta um sonho intimamente.
Quem não aspire possuir algo que
lhe porpocione uma existência
isenta de sacrificios.
E o José dos Anjos, era mêsmo
angelical. - Nos modos de falar
e tratar o proximo. Era piedôso
Antes de tomar uma resoulução
refletia profundamente.
Um dia, êle viu a Maria da
Felicidade. E ficou cativo dos
seus encantos.
Ela, era esbelta. Uns olhos negros
e ortaes. Os cilios longos e
arqueados. A bôca pequena e
os dentes nitidos e retos.
Foi na fêsta de Santo Antonio.
Eles dançaram ao redôr da
foguêira. Ela era a mais graciosa
Os olhos de José dos Anjos
seguia a Felicidade por todos
os lados. Obedeçendo os impulsos

êle que foi o causadôr da
morte do Getulio. Homem igual o
Getulio... não nasçe. Que êle atendeu
tudo que ela pediu-lhe quando o
seu esposo foi operado do estomago
Que o Lacerda pediu vinte milhões
emprestado ao presidente Vargas
êle negou. E o Lacerda passou a
odia-lo. - Que ninguem é obrigado
a nós emprestar nada.
Que o seu esposo esta com 67 anos
aguardando aposentadoria.
Que ja gastaram muito em sêlo E êle
ainda esta trabalhando.
-Ela disse-me que o presidente
Juscelino é um grande homem.
Que fala: eu faço. - E faz.
Que o povo pede não reeleze
o pai. Onde anda elogia - A
pediu-me para convidar o
presidente Juscelino para ir na
sua casa. É uma guaranta

Onde estaes Felicidade?
Carolina Maria de Jesus